Alice
no País das Maravilhas

VERSÃO INTEGRAL
SEM ADAPTAÇÃO

LEWIS CARROLL

ILUSTRAÇÃO: JOHN TENNIEL

TRADUÇÃO: Márcia Soares Guimarães

autêntica

Alice
no País das Maravilhas

VERSÃO INTEGRAL
SEM ADAPTAÇÃO

LEWIS CARROLL

ILUSTRAÇÃO: JOHN TENNIEL

TRADUÇÃO: Márcia Soares Guimarães

autêntica

Alice
no País das Maravilhas

Lewis Carroll

ILUSTRAÇÃO: John Tenniel

NO PAÍS DAS MARAVILHAS

autêntica

Traduzido do inglês por Márcia Soares Guimarães

Carol Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carroll, Lewis, 1832-1898

Alice no País das Maravilhas / Lewis Carroll ; ilustração John Tenniel ; traduzido do inglês por Márcia Soares Guimarães. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017.

Título original: Alice’s Adventures in Wonderland.

ISBN 978-85-513-0203-3

1. Literatura infantojuvenil I. Tenniel, John. II. Título.

17-02601 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

www.grupoautentica.com.br

Juntos num barco, na tarde dourada,
devagar, no rio deslizamos,
pois, com pouca habilidade,
pequenos braços vão remando,
enquanto seis mãozinhas aparentam
os nossos pensamentos ir guiando.

Ah, logo agora, crianças impiedosas!
Sob um céu tão propício a um sonhador,
pedem um conto a alguém de fraco sopro,
incapaz de balançar até uma frágil flor!
Mas como pode minha pobre voz negar
a três pessoinhas um pedido com amor?

A primeira, imperiosa, declara
sua vontade: "Comece o conto!"...
Em tom mais doce, a segunda deseja:
"Que haja absurdo nesse conto!"...
Enquanto a terceira interrompe com palpites
a história, em *todo* e qualquer ponto.

Logo um súbito e curioso silêncio impera
e as três crianças seguem, em total imaginação,
as aventuras da menina em uma terra
onde reinam surpresas, emoções, pura magia,
em meio a aves e feras e estranhas criaturas.
E o trio quase crê que o conto não é mera fantasia.

Durante a história, quando este contador sente
que está secando sua inspiração,
humildemente ele deseja, e até suplica,
que fique pra depois o final da narração.
"O resto, só mais tarde!"... "Já é mais tarde!",
exclamam as três com grande exaltação.

Assim surgiu a história do País das Maravilhas.
Mesmo que lentamente, e com esforço disfarçado,
seus estranhos eventos, um a um, foram criados...
E agora, com o conto inteiro narrado,
o caminho é retomado pela feliz tripulação
que volta para casa ao pôr do sol abençoado.

Alice! Aceite esta história infantil
e muito gentilmente, de hoje em diante,
guarde-a onde os sonhos de criança se entrelaçam,
no plano espiritual da memória errante,
como na guirlanda do andarilho,
feita de flores colhidas numa terra distante.

CAPÍTULO 1

DESCENDO PELA TOCA DO COELHO

Alice estava começando a se sentir muito entediada por permanecer na colina, sentada perto da irmã, sem nada para fazer: já tinha espiado uma ou duas vezes o livro que a irmã estava lendo, mas ele não tinha ilustrações nem diálogos. “Pra que serve um livro”, pensou, “sem ilustrações nem diálogos?”.

Enquanto a menina se perguntava (na medida do possível, já que o dia quente a deixava sonolenta e boba) se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o sacrifício de levantar-se e colher as flores... de repente, um coelho branco de olhos cor-de-rosa passou correndo bem perto dela.

Não havia nada de tão extraordinário nisso; nem Alice achou tão fora do comum ouvir o Coelho dizer para si mesmo:

– Nossa! Nossa! Estou atrasado demais!

Quando pensou nisso, mais tarde, ela achou que deveria ter refletido sobre o que viu, mas naquela hora tudo lhe pareceu perfeitamente natural. Porém, quando o Coelho, de fato, tirou um relógio do bolso do colete, olhou para ele e apressou o passo, Alice ficou de pé num só pulo, pois lhe ocorreu que nunca antes tinha visto um coelho com um bolso no colete, e muito menos com um relógio para tirar dali. Ardendo de curiosidade, ela o seguiu correndo pelo gramado e chegou bem a tempo de vê-lo saltar para dentro de um grande buraco debaixo da cerca viva.

Imediatamente, lá se foi Alice para dentro do buraco também, sem sequer imaginar de que maneira seria possível sair dali depois.

No princípio, a toca do coelho era como um túnel reto; depois, repentinamente, virou um poço; e isso aconteceu tão repentinamente que Alice não teve nem um segundo para pensar em parar antes de se ver despencando por aquilo que parecia um abismo muito fundo.

Ou o poço era mesmo muito fundo, ou ela estava caindo muito lentamente, pois teve tempo suficiente, enquanto caía, para olhar em volta e imaginar o que poderia acontecer em seguida. No começo, tentou olhar para baixo e entender onde ia parar, mas estava escuro demais para ver qualquer coisa. Então, olhou para os lados e percebeu que as paredes estavam cobertas por armários e prateleiras suspensos; às vezes, via figuras e mapas pendurados em pregos. Enquanto passava por uma das prateleiras, Alice pegou um frasco em cujo rótulo

estava escrito “GELEIA DE LARANJA”, mas, para sua grande decepção, o vidro estava vazio. Porém não quis soltá-lo, com medo de ele atingir e matar alguém lá embaixo. Por fim, conseguiu colocá-lo em um dos armários pelos quais passou.

“Caramba!”, pensou, “depois de uma queda como essa, despencar escada abaixo não há de ser nada! Como vão me achar corajosa lá em casa! Mas, pensando bem, eu não contaria nada sobre isso, nem mesmo se caísse do telhado!” (O que, na verdade, era muito provável.)

Descendo, descendo, descendo... A queda não acabaria nunca?

– Quantos quilômetros será que já desci até agora? – perguntou em voz alta. – Devo estar chegando perto do centro da Terra. Vamos pensar: acho que isso seria uns 6.500 quilômetros...

(Como pode ver, Alice tinha aprendido muitas coisas desse tipo na escola, e, mesmo que essa não fosse uma grande oportunidade para exibir seus conhecimentos, já que não havia ninguém para ouvi-la, ainda assim era sempre bom praticar.)

– Claro! Essa é aproximadamente a distância correta... Mas agora eu queria saber em que latitude e longitude estou.

(Alice não tinha a menor ideia do que era “latitude”, muito menos “longitude”, mas achava que eram palavras bonitas e imponentes, e por isso boas de dizer.)

E continuou a falar:

– Será que vou atravessar a Terra?! Como seria engraçado sair entre pessoas que andam de cabeça pra baixo! Os Antipatias, acho...

(Dessa vez, ela ficou contente por ninguém estar escutando, pois a palavra não pareceu nem um pouco adequada.)

– Mas vou ter de perguntar pra eles qual é o nome do país, não é? “Por favor, senhora, estamos na Nova Zelândia ou na Austrália?”

(Tentou fazer uma reverência enquanto falava... Imagine, fazer uma reverência enquanto está no ar, caindo! Você acha que conseguiria?)

– E que menina ignorante ela vai pensar que sou! Não, realmente, perguntar nunca daria certo; talvez eu veja a resposta escrita em algum lugar, quem sabe.

Descendo, descendo, descendo... Como não tinha mais nada para fazer, Alice logo começou a falar de novo.

– Dinah vai sentir muito minha falta hoje à noite. Sei disso!

(Dinah era sua gata.)

– Espero que se lembrem do pires de leite dela na hora do chá. Oh, minha querida Dinah, queria tanto que estivesse aqui embaixo comigo! Não tem ratos no ar, infelizmente, mas você poderia pegar um morcego, e... sabe como é... morcegos são bem parecidos com ratos. Será que gatos comem morcegos?

Nesse momento, Alice começou a se sentir sonolenta e continuou repetindo para si mesma, quase como se estivesse sonhando:

– Gatos comem morcegos? Gatos comem morcegos?

Às vezes, perguntava:

– Morcegos comem gatos?

E, como a menina não sabia a resposta para nenhuma das duas perguntas (como você bem pode imaginar), inverter a ordem das palavras não fazia diferença nenhuma.

Alice estava adormecendo e tinha apenas começado a sonhar que estava andando de mãos dadas com Dinah e perguntando, muito séria, para a gata: “Você já comeu algum morcego?”, quando, de repente... Plaft! Plaft! Caiu sobre um monte de gravetos e folhas secas. A queda tinha acabado.

Felizmente, não se machucou nem um pouco e logo ficou de pé; olhou para cima, mas estava tudo escuro sobre sua cabeça. À sua frente, viu outra passagem, bem comprida, e ainda pôde ver o Coelho Branco andando bem apressado lá adiante. Não havia nem um segundo a perder: lá se foi a menina, rápida como o vento, e foi a conta certa para ouvi-lo dizer, enquanto virava uma esquina:

– Por meus ouvidos e meus bigodes! Está ficando cada vez mais tarde!

Ela estava bem perto, logo atrás do Coelho, quando ele virou a esquina, mas depois já não pôde mais vê-lo. Percebeu, então, que estava em um hall muito, muito grande, iluminado apenas por uma fileira de lâmpadas presas ao teto.

Havia portas ao redor de todo o hall, todas trancadas; depois de ter tentado abrir cada uma delas, Alice caminhou tristemente para o meio do cômodo, imaginando como, algum dia, conseguiria sair daquele lugar.

De repente, viu uma mesinha de três pés, toda de vidro; não havia nada sobre a mesa, exceto uma chave de ouro bem pequena, e a primeira coisa que Alice pensou foi que a chave poderia abrir uma das portas em volta do hall. Mas... que pena! Ou as fechaduras eram muito grandes, ou a chave era muito pequena, o certo é que ela não conseguiu abrir nenhuma das portas. Porém, numa segunda tentativa ao redor da sala, a menina avistou uma cortina baixa, que, até então, não tinha visto; atrás dessa cortina, havia uma porta de uns quarenta centímetros de altura. Alice experimentou a pequena chave de ouro e, para sua grande alegria, ela se encaixou perfeitamente na fechadura!

Alice descobriu que a portinha dava para uma passagem estreita, pouco maior que um buraco de rato. Ajoelhou-se e, olhando pelo buraco, avistou o jardim mais encantador que já tinha visto em toda a sua vida. Como desejou sair daquele hall escuro e caminhar entre os canteiros de flores lindas e fontes de água fresca! Porém nem mesmo sua cabeça passava por aquela porta. “E mesmo que minha cabeça atravessasse”, pensou a pobre Alice, “ela seria muito pouco útil, sem meus ombros. Oh, eu queria tanto poder encolher como um telescópio! Até acho que conseguiria, se, pelo menos, soubesse por onde começar”. (Pois, como você sabe, tantas maluquices estavam acontecendo ultimamente que ela já começava a achar que muito poucas coisas eram realmente impossíveis.)

Pensando que era bobagem ficar esperando perto da portinha, Alice foi de novo até a mesa, torcendo para encontrar outra chave, ou, no mínimo, um livro de instruções para encolher pessoas, como acontece com os telescópios. No entanto, dessa vez, encontrou uma pequena garrafa sobre a mesa.

– Com certeza isso não estava aqui antes – falou.

Amarrada no gargalo da garrafa havia uma etiqueta, onde estava escrito graciosamente, em letras grandes: “BEBA-ME”.

Não há nenhum problema em dizer “beba-me”, mas a sábia Alice não faria isso precipitadamente.

– Não; primeiro, vou olhar bem – disse – pra ver se está escrito “veneno” em algum lugar.

DRINK

Ela já tinha lido várias histórias sobre crianças que haviam sido queimadas, devoradas por feras selvagens e outras coisas desagradáveis, tudo porque costumavam não lembrar as lições simples que tinham aprendido com a experiência de amigos, como: um atiçador de fogo em brasa vai queimar você, se segurá-lo por muito tempo; e, se você fizer um corte muito fundo no dedo com uma faca, ele geralmente sangra. E Alice nunca tinha esquecido este: se você beber uma grande quantidade do líquido de um frasco no qual está escrito “veneno”, isso muito provavelmente vai lhe trazer problemas, mais cedo ou mais tarde.

No entanto, não estava escrito “veneno” naquela garrafa; portanto Alice se aventurou a experimentar seu conteúdo. Achando o gosto muito bom (na verdade, o sabor era uma mistura de torta de cereja, doce de ovos, abacaxi, peru assado, caramelo e torradas amanteigadas quentinhas), ela logo, logo, bebeu tudo.

* * *

– Que sensação esquisita! – falou Alice. – Devo estar encolhendo como um telescópio.

De fato, estava mesmo: estava com pouco mais de vinte e cinco centímetros de altura, e seu rosto se iluminou com o pensamento de que agora tinha o tamanho certo para atravessar a portinha e entrar naquele jardim encantador. Porém esperou alguns minutos para ver se encolheria ainda mais, pois estava ligeiramente apreensiva sobre isso.

– E se tudo terminar com meu desaparecimento completo, como acontece com as velas? Como vai ser?

Alice tentou imaginar como fica a chama de uma vela depois que ela derreteu, já que não conseguia se lembrar de ter visto isso alguma vez na vida.

Pouco tempo depois, vendo que nada mais tinha acontecido, decidiu entrar imediatamente no jardim. Mas... pobre Alice!... Quando chegou perto da porta, percebeu que tinha esquecido a pequena chave de ouro e, quando voltou à mesa para pegá-la, percebeu que não tinha como alcançá-la. Podia ver a chave nitidamente através do tampo de vidro; fez o possível para escalar um dos pés da mesa, mas ele era muito escorregadio, e, quando já estava exausta de tanto

tentar, a pobre menina sentou-se e chorou.

– Chega, Alice! É inútil ficar chorando desse jeito! – repreendeu-se, um tanto severamente. – Aconselho você a parar com isso já!

Geralmente, ela se dava conselhos muito bons (embora raramente os seguisse) e, às vezes, repreendia a si mesma tão duramente que lágrimas escorriam em seu rosto. Alice se lembrava de que uma vez tentou socar suas próprias orelhas por ter trapaceado em um jogo de croquet* que estava disputando consigo mesma – pois essa criança tão interessante gostava muito de fingir que era duas pessoas numa só.

“Ora, não faz sentido nesse momento”, pensou, “fingir que sou duas pessoas! O que restou de mim mal dá pra formar uma pessoa decente!”.

Algum tempo depois, seu olhar recaiu sobre uma pequena caixa de vidro debaixo da mesa. Alice abriu a caixa e, dentro dela, encontrou um bolo ainda menor, sobre o qual estava graciosamente escrito, com frutas vermelhas: “COMA-ME”.

– Está bem, vou comer – ela decidiu. – E se me fizer crescer, vou poder pegar a chave. E se me fizer encolher ainda mais, vou poder rastejar por baixo da porta. Assim, de um jeito ou de outro, poderei entrar no jardim; e não me importa o que vai acontecer depois!

Alice provou um pedaço do bolo e perguntou, ansiosa, para si mesma:

– Em qual direção? Em qual direção?

Manteve a mão no topo da cabeça para sentir se estava crescendo ou diminuindo ainda mais, mas ficou bastante surpresa ao descobrir que continuava do mesmo tamanho. (Com certeza, isso é o que geralmente acontece quando alguém come bolo, mas Alice já tinha passado por tantas coisas que não esperava mais nada que fosse normal, pois a vida já parecia bastante monótona e sem graça se seguisse seu curso natural.)

Então, ela atacou e logo, logo, tinha comido o bolo todo.

CAPÍTULO 2

A LAGOA DE LÁGRIMAS

Cada vez mais esquisitissíssimo , e ainda mais esquisitissíssimo ! – Alice exclamou. (Estava tão atordoada naquele momento que até esqueceu como se fala corretamente.) – Agora estou aumentando de um jeito que nenhum telescópio jamais fez! Adeus, pezinhos! (Pois, quando olhou para baixo, quase não pôde ver seus pés, que estavam se distanciando cada vez mais dela).

“Oh, pobres pés! Quem vai calçar seus sapatos e meias agora, meus queridos? Tenho certeza que não vou conseguir! E vou estar longe demais pra me preocupar com vocês; vão ter de se virar como puderem... Mas preciso ser bondosa com eles”, pensou, “senão podem se recusar a andar na direção que eu quiser ir. Preciso pensar... Ah, já sei! Vou comprar pra eles um par de botas novas todo Natal”.

E continuou planejando como faria isso. “As botas devem ir por meio de um portador”, ela decidiu. “Como deve ser engraçado mandar presentes para os próprios pés! E como as instruções vão parecer estranhas!”

Excelentíssimo pé direito de Alice

Tapete da lareira

Perto da tela de proteção.

Com amor, Alice

“Credo, quanta bobagem!”, concluiu.

Nesse exato momento, sua cabeça bateu no teto do hall; na verdade, ela agora estava com quase três metros de altura, e sua primeira reação foi pegar a pequena chave de ouro e correr para a portinha que dava acesso ao jardim.

Pobre Alice! O máximo que conseguiu fazer foi deitar de lado e observar, com um só olho, o jardim do outro lado, pois passar pela porta estava mais impossível do que nunca. Então, sentou no chão e começou a chorar de novo.

– Deveria ter vergonha de si mesma – disse, logo em seguida. – Uma criança ótima como você (ela deve ter dito isso também...) chorando desse jeito. Pare com isso, agora! É uma ordem!

Mas Alice continuou chorando do mesmo jeito, derramando litros e litros de lágrimas, até formar uma lagoa a seu redor, com cerca de dez centímetros de profundidade e ocupando praticamente a metade do hall.

Algum tempo depois, escutou o som de passos miúdos a distância e secou os olhos rapidamente para ver quem estava se aproximando. Era o Coelho Branco esplendidamente vestido, carregando um par de luvas de pelica em uma das mãos e um grande leque na outra. Vinha apressado, resmungando:

– Oh, a Duquesa! A Duquesa! Meu Deus! Ela vai ficar furiosa se tiver de me esperar!

A aflição que Alice sentia era tanta que a menina estava disposta a pedir ajuda a quem quer que fosse. Então, quando o Coelho chegou mais perto, ela começou a falar, com uma voz baixa e tímida:

– Por gentileza, senhor...

Imediatamente, o Coelho teve um sobressalto violento, deixou cair as luvas brancas de pelica e o leque e sumiu na escuridão o mais rápido que pôde.

Alice pegou o leque e as luvas e, como o hall estava muito quente, ficou se abanando o tempo todo, enquanto dizia:

– Caramba! Como tudo está estranho hoje! Ontem mesmo todas as coisas aconteceram exatamente como de costume. Será que fui trocada durante a noite? Vamos pensar: eu era a mesma pessoa quando acordei hoje de manhã? Acho que lembro de ter me sentido um pouco diferente. Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: quem sou eu, afinal? Ah, esse é o grande enigma!

Então Alice começou a pensar em todas as crianças que conhecia e que tinham a mesma idade que ela, tentando imaginar se poderia ter sido trocada por alguma delas.

– Tenho certeza que não sou a Ada – falou. – O cabelo dela tem muitos cachos compridos e o meu não tem nenhum; e também tenho certeza de que não posso ser a Mabel, pois sei muitas coisas de todos os tipos e ela... Oh!... A Mabel sabe tão pouco! Além disso, ela é ela e eu sou eu, e... Ai, como isso é complicado! Vou tentar ver se sei todas as coisas que costumava saber. Vamos lá: quatro vezes cinco é doze, e quatro vezes seis é treze, e quatro vezes sete é... Ih! Nesse ritmo, nunca vou chegar a vinte! Mas vamos deixar a tabuada de multiplicação pra lá e tentar a Geografia. Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma... Não, isso tudo está errado, sinto que está! Devo mesmo ter sido trocada pela Mabel! Vou tentar recitar "Vejam como o pequeno crocodilo".

Alice cruzou as mãos sobre o peito, como se estivesse diante da professora e dos colegas, e começou a recitar, mas sua voz estava rouca e estranha; e as palavras que vieram não eram as mesmas de costume:

Vejam como o pequeno crocodilo

embeleza sua cauda fascinante

e molha com as águas do Nilo

cada escama brilhante.

Vejam como ele parece sorrir animadamente,

e como estende as patas, tão gracioso!

Recebe os peixinhos gentilmente,

sorridente e garboso!

– Tenho certeza que essas não são as palavras certas – falou a pobre Alice, e seus olhos se encheram de lágrimas de novo. – Afinal de contas, devo mesmo ser a Mabel, e vou ter de morar naquela casa pequena e sem conforto, sem quase nenhum brinquedo pra me divertir, e... Oh! E uma infinidade de coisas pra aprender! Não, já tomei minha decisão sobre isso. Se eu for mesmo a Mabel, vou ficar aqui embaixo! E não vai adiantar eles colocarem a cabeça no buraco da toca do coelho e dizerem: "Volte aqui pra cima, querida!". Vou só olhar pro alto e falar: "Então, quem eu sou?". Primeiro quero saber isso; e depois, se eu gostar de ser essa pessoa, volto aí pra cima. Se eu não gostar, fico aqui embaixo até virar outra pessoa... Puxa! – ela gritou, com uma súbita explosão de lágrimas. – Como eu queria que pusessem a cabeça no buraco! Estou muito, muito cansada de ficar tão sozinha aqui!

Quando disse isso, Alice olhou para suas mãos e ficou surpresa ao constatar que tinha calçado uma das luvas brancas de pelica do Coelho enquanto falava. "Como posso ter feito isso?", pensou. "Devo estar diminuindo de tamanho de novo." Ela então se levantou, andou até a mesa para se medir, usando o móvel como referência, e descobriu que, pelo que pôde deduzir, estava agora só com uns sessenta centímetros de altura. E continuou encolhendo rapidamente, até desconfiar que a causa disso era o leque que estava segurando. Então soltou o objeto, bem a tempo de evitar que, de tanto encolher, desaparecesse completamente.

– Escapei por pouco! – exclamou Alice, bastante amedrontada com a súbita mudança, mas muito contente por ver que ainda existia. – E agora, vamos pro jardim!

Voltou correndo para perto da portinha; no entanto, que pena! Estava trancada de novo, e a pequena chave de ouro tinha ficado sobre a mesa de vidro. “As coisas estão piores do que nunca”, pensou a pobre criança, “pois nunca fui tão pequena em toda a minha vida. Nunca! E isso é muito ruim... É ruim demais!”.

Enquanto dizia essas palavras, escorregou e, no momento seguinte: tchibum! Estava mergulhada em água salgada até o queixo. Sua primeira impressão foi de que, sem saber como, tinha caído no mar.

– Se for isso mesmo, posso voltar de trem – disse para si mesma.

(Alice tinha ido à praia só uma vez na vida, e havia chegado à conclusão de que em qualquer parte do litoral da Inglaterra encontraria várias cabines para os banhistas trocarem de roupa, algumas crianças cavando buracos na areia com pequenas pás de madeira, uma fileira de pousadas e, atrás delas, uma estação ferroviária.) No entanto, logo compreendeu que estava mesmo era numa lagoa formada pelas lágrimas que tinha chorado quando estava com quase três metros de altura.

– Queria não ter chorado tanto – falou, enquanto nadava, tentando sair dali. – Acho que agora vou ser punida, afogando-me nas minhas próprias lágrimas. E isso, com certeza, vai ser uma coisa bastante estranha! Mas hoje já está tudo estranho mesmo...

Nesse momento, ouviu alguma coisa caindo na lagoa, a uma pequena distância. Nadou até mais perto para ver o que era e, no começo, achou que devia ser um hipopótamo ou uma morsa, mas depois lembrou-se de como estava pequena agora, e logo viu que era apenas um rato que, como ela, tinha escorregado e caído ali.

“Será que vale a pena”, pensou, “falar com esse rato? Está tudo tão fora do normal aqui embaixo que acho bem provável ele saber falar; de qualquer jeito, não corro perigo nenhum em perguntar”. Então, falou:

– Ó Rato, você sabe como sair dessa lagoa? Estou muito cansada de ficar nadando por aqui, ó Rato! (Alice pensou que essa seria a forma certa de se dirigir a um rato; nunca tinha feito isso antes, mas se lembrava de ter visto no livro de gramática do latim de seu irmão: “Um rato... de um rato... para um rato... um rato... Ó rato!”.)

O Rato olhou para ela com um ar de curiosidade, e a menina teve a impressão de que ele piscou com um de seus pequenos olhos, mas não disse nada. “Pode ser que ele não fale inglês”, deduziu. “Eu até diria que é um rato francês, que veio com Guilherme, o Conquistador.” (Mesmo com todo o seu conhecimento de História, Alice não tinha uma noção clara de quando qualquer coisa tinha acontecido.) Então, falou a primeira frase do seu livro de francês:

– Où est ma chatte?**

O Rato pulou subitamente para fora da água, o corpo inteiro tremendo de medo.

– Oh, me perdoe, por favor! – exclamou Alice imediatamente, temendo ter ferido os sentimentos do pobre animal. – Esqueci completamente de que o senhor não gosta de gatos.

– Não gosto de gatos?! – o rato gritou, com uma voz estridente, pois estava muito nervoso. – Você gostaria de gatos, se fosse eu?

– Bem, talvez não – ela respondeu, tentando acalmá-lo. – Não fique bravo por isso. Mas bem que eu gostaria de poder apresentar nossa gata Dinah pra você. Acho que, se pelo menos visse a Dinah, você passaria a gostar de gatos. Ela é tão tranquila e tão encantadora! – Alice continuou a falar, em parte para si mesma, enquanto nadava lentamente pela lagoa. – Ela fica sentada ronronando tão lindamente, lambendo as patas e limpando o rosto... E seu pelo é tão macio e gostoso de passar a mão... E ela é tão boa pra pegar ratos... Oh, por favor, me perdoe! – exclamou Alice, de novo. Dessa vez, o Rato estava totalmente arrepiado, e a menina teve certeza de que ele estava realmente ofendido. – Não vamos mais falar sobre a Dinah, se preferir assim.

– Nós não vamos falar?! Francamente! – gritou o Rato, que tremia até a ponta da cauda. – Como se eu fosse falar sobre esse assunto! Nossa família sempre odiou gatos: seres nojentos, desprezíveis e vulgares! Não me faça ouvir essa palavra novamente!

– Pode acreditar que não! – falou Alice, ansiosa para mudar o assunto da conversa. – Você... v-você gosta de... de... de cachorros?

Como o Rato não respondeu, Alice continuou:

– Tem um cachorrinho tão bonitinho numa casa perto da nossa... Eu queria muito que você visse! É um terrier pequeno, com olhos brilhantes e... Oh, o pelo dele é marrom, comprido e encaracolado! Ele busca as coisas que a gente atira longe; e senta e pede seu jantar. Faz um tanto de coisas... Não consigo lembrar nem da metade delas... Pertence a um fazendeiro, sabe? O homem diz que ele é bastante útil e vale muito dinheiro! E diz também que ele mata os ratos e... Ai, meu Deus! – Alice exclamou, com um tom de arrependimento. – Acho que ofendi o Rato mais uma vez!

Pensou isso porque o Rato estava nadando para longe dela o mais rápido que podia, provocando uma grande agitação na água enquanto se afastava.

Então, Alice o chamou, com uma voz bem suave:

– Rato querido! Por favor, volte; não vamos falar nem de gatos nem de cachorros, já que também não gosta deles!

Quando o Rato ouviu isso, virou-se e nadou devagar para perto dela. Seu rosto estava bastante pálido (de grande emoção, Alice imaginou), e ele disse com voz baixa e trêmula:

– Vamos até a margem. Lá, vou contar a minha história e você vai entender por que odeio gatos e cachorros.

Já tinha passado mesmo da hora de sair dali, pois a lagoa estava ficando bem cheia de pássaros e outros animais que tinham caído nela: havia um pato e um dodô, um papagaio australiano e um filhote de águia, além de várias outras criaturas estranhas. Alice foi na frente e todos nadaram para a margem.

CAPÍTULO 3

UMA CORRIDA DE COMITÊ E UMA LONGA HISTÓRIA

Foi um grupo de aparência realmente estranha que se reuniu na margem: uns com as penas ensopadas, outros com o pelo grudado no corpo, e todos pingando, irritados e desconfortáveis.

A primeira questão era, sem dúvida, o que fazer para se secarem. Tiveram uma conversa sobre isso e, depois de alguns minutos, pareceu bastante natural para Alice o fato de estar ali, falando com eles normalmente, como se os tivesse conhecido a vida inteira. E a menina teve uma discussão bem longa com o Papagaio, que, por fim, falou, mal-humorado:

– Sou mais velho, portanto sei mais que você.

Alice não admitiria isso sem saber a idade dele, mas, como o Papagaio se recusou terminantemente a dizer quantos anos tinha, não havia mais nada a ser dito.

Por fim, o Rato, que parecia ter certa autoridade sobre os outros, disse em voz alta:

– Sentem-se todos e escutem o que vou dizer! Em pouco tempo, vou fazer com que fiquem bem secos.

Todos se sentaram imediatamente, formando um grande círculo com o Rato no centro. Alice mantinha os olhos ansiosamente fixos nele, pois estava certa de que pegaria uma gripe se não ficasse seca logo. O Rato então limpou a garganta e disse, com ar de importância:

– Todos prontos? Esta é a coisa mais seca que conheço. Todos em silêncio, por favor! Guilherme, o Conquistador, cuja causa foi apoiada pelo papa, logo se rendeu aos ingleses, que queriam líderes e estavam, na época, muito acostumados à usurpação e à conquista. Edwin e Morcar, os condes de Mercia e Northumbria...

– Ai! – exclamou o Papagaio, com um arrepio.

– Hein? – disse o Rato, franzindo a testa, mas num tom muito bem-educado. – Falou alguma coisa?

– Eu não! – respondeu o Papagaio apressadamente.

– Pensei que tinha falado – disse o Rato. – Bem, prosseguindo: Edwin e Morcar, os condes de Mercia e Northumbria, o apoiaram, e até mesmo Stigand, o patriótico arcebispo de Canterbury, achou isso recomendável...

– Achou o quê recomendável? – perguntou o Dodô.

– Achou isso – respondeu o Rato, um tanto zangado. – É claro que sabe o que “isso” significa.

– Sei muito bem o que “isso” significa, quando eu acho alguma coisa – falou o Pato. – Geralmente significa uma rã ou uma minhoca. A questão é: o que foi que o arcebispo achou?

O Rato não percebeu a pergunta e continuou, apressado:

– Achando isso recomendável, acompanhou Edgar Atheling num encontro com Guilherme e lhe ofereceu a coroa. No início, a atitude de Guilherme foi moderada. Mas a insolência de seus normandos... Como está se sentindo agora, minha querida? – perguntou, virando-se para Alice.

– Tão molhada quanto antes – ela respondeu, com voz chorosa. – Parece que essa sua história não está servindo nem um pouco pra me secar.

– Nesse caso – disse o Dodô solenemente, pondo-se de pé –, proponho oficialmente que esse procedimento seja suspenso, para que haja a tomada imediata de providências mais drásticas...

– Fale nossa língua! – disse o filhote de Águia. – Não sei o que quer dizer metade dessas palavras complicadas; e, pra falar a verdade, não acredito nem que você mesmo saiba!

O filhote de Águia baixou a cabeça para esconder um sorriso, e alguns dos

outros pássaros soltaram risadinhas que foram ouvidas.

– O que eu ia dizer – falou o Dodô, mostrando-se ofendido – era que a melhor maneira de ficarmos secos seria uma corrida de comitê.

– O que é uma corrida de comitê? – Alice perguntou. Não que ela realmente quisesse saber, mas porque o Dodô tinha feito uma pausa, como se tivesse achado que era hora de alguém falar, e ninguém mais parecia disposto a dizer nada.

– Ora – retrucou o Dodô –, a melhor forma de explicar é fazer.

(E, já que você pode querer experimentar isso pessoalmente, num dia qualquer de inverno, vou contar como o Dodô fez isso.)

Primeiro, ele marcou a pista de corrida: parecia um círculo.

– O formato exato não é importante – disse.

Depois, todos os integrantes do grupo foram posicionados aqui e ali, ao longo da pista. Em seguida, não houve "um, dois, três e já!"; cada um começou a correr quando quis e parou também quando quis, de modo que não foi fácil saber quando a corrida terminou. Entretanto, depois que já haviam corrido por aproximadamente meia hora e todos já estavam completamente secos, o Dodô gritou, de repente:

– A corrida acabou!

Então, eles se amontoaram ao redor da ave e perguntaram, ofegantes:

– Mas quem venceu?

O Dodô não pôde responder a essa pergunta sem antes pensar muito; para isso, ficou sentado por um longo tempo, com um dedo pressionado contra a testa (a posição que você normalmente vê nas imagens de Shakespeare), enquanto o resto do grupo esperava em silêncio. Finalmente, o Dodô concluiu:

– Todos venceram, e cada um deve receber um prêmio.

– Mas quem vai dar os prêmios? – perguntou um grande coro de vozes.

– Ora, ela, é lógico – o Dodô falou, apontando um dedo para Alice; e todo o grupo imediatamente se amontoou, de um modo confuso, ao redor dela e exigiu, aos gritos:

– Prêmios! Prêmios!

Alice não tinha ideia do que fazer e, no desespero, enfiou a mão no bolso e tirou uma caixa de balas cobertas de açúcar (felizmente, a água salgada não tinha chegado até elas) e as distribuiu como prêmios. Havia exatamente uma para cada integrante do grupo.

– Mas ela também tem de receber um prêmio, não é? – disse o Rato.

– Claro – o Dodô concordou, muito sério. – O que mais você tem no bolso? – perguntou, dirigindo-se a Alice.

– Apenas um dedal – ela respondeu tristemente.

– Me empreste isso – pediu o Dodô.

A seguir, todos se amontoaram novamente ao redor dela, enquanto o Dodô apresentava o dedal e falava solenemente:

– Pedimos humildemente que aceite este elegante dedal.

E, quando acabou esse breve discurso, todos aplaudiram.

Alice estava achando tudo aquilo muito absurdo, mas todos pareciam tão sérios que não se atreveu a rir. E como não conseguiu pensar em nada para dizer, simplesmente fez uma reverência e pegou o dedal, tentando fazer isso da maneira mais solene que pôde.

O próximo passo foi comer as balas, o que provocou algum barulho e certa confusão, porque os pássaros grandes reclamavam que não conseguiam sentir o gosto de suas balas e os pequenos engasgaram e precisaram receber tapas nas costas. Mas, por fim, a bagunça terminou, e eles se sentaram novamente em círculo e pediram ao Rato que lhes contasse uma história.

– Você prometeu que me contaria sua história, não foi? – falou Alice. – E, também, o motivo pelo qual odeia... g... e c... – acrescentou, com um sussurro,

temendo que ele ficasse ofendido mais uma vez.

– Minha história é longa e triste! – exclamou o Rato, olhando para Alice e suspirando.

– Longa como sua cauda? – perguntou Alice, olhando para baixo, admirada com o comprimento do rabo do Rato. – E por que ela é triste?

Alice continuou tentando entender aquilo, enquanto o Rato falava de uma maneira diferente, para que a ideia dela sobre a história fosse mais ou menos assim:

Fúria, o cão, disse

para um rato que

encontrou no mato:

“Vamos juntos ao tribunal,

você vai é se dar mal...

Venha logo!

Não aceito negativa.

Vamos ter um julgamento;

não há outra alternativa.

E vai ser neste momento!”.

Disse o Rato para o cão:

“Tal julgamento,

prezado cachorrão,

sem júri nem juiz,

não teria solução”.

“Ora, serei juiz, serei jurado”,

declarou o esperto

Fúria, zangado.

“Julgarei esse

caso infeliz,

e à morte serás

condenado.”

– Você não está prestando atenção! – o Rato falou rispidamente com Alice. – Em que está pensando?

– Por favor, me perdoe – respondeu a menina muito humildemente. – Você estava na quinta volta, acho.

– Não estava! Você não liga pra nós! – o Rato gritou severamente; estava furioso.

– Nós! – Alice exclamou, sempre pronta para se mostrar útil, e olhando ansiosamente a seu redor. – Oh, por favor, deixe-me ajudá-lo a desfazer esses nós!

– Não vou fazer nem desfazer nada! – declarou o Rato, ficando de pé e se afastando. – Você me insulta falando tantos absurdos.

– Não foi minha intenção! – a pobre Alice se defendeu. – Mas você se ofende com muita facilidade, não é mesmo?

Como resposta, o Rato apenas soltou um resmungo.

– Por favor, volte e termine sua história – Alice pediu, e outros se juntaram, em coro:

– Sim, por favor, fique!

Mas o Rato apenas balançou a cabeça, impaciente, e caminhou um pouco mais

depressa.

– É uma pena ele ter ido embora – lamentou o Papagaio, assim que o Rato ficou completamente fora do alcance da vista.

Uma carangueja mais velha aproveitou a oportunidade para dizer à filha:

– Ah, minha querida! Que isso lhe sirva de lição para que nunca perca a calma!

– Não diga bobagens, mamãe! – exclamou a jovem carangueja, ligeiramente mal-humorada. – Você acaba com a paciência até de uma ostra!

– Queria tanto que nossa Dinah estivesse aqui... Como eu queria! – falou Alice em voz alta, sem se dirigir a ninguém em especial. – Ela o traria de volta rapidamente!

– E quem é Dinah, se é que posso correr o risco de perguntar? – disse o Papagaio.

Alice respondeu entusiasmada, pois estava sempre pronta para falar sobre seu bicho de estimação:

– Dinah é nossa gata. E vocês nem imaginam como ela é esperta pra pegar ratos! Ah, queria que pudessem vê-la pegar pássaros. Ora, ela come um passarinho assim que põe os olhos sobre ele.

Essa fala teve um efeito considerável sobre o grupo. Algumas aves foram embora às pressas; uma gralha mais velha começou a se agasalhar cuidadosamente, dizendo:

– Eu realmente preciso ir pra casa. O ar da noite não faz bem pra minha garganta!

E, com a voz trêmula, um canário chamou seus filhos:

– Vamos, meus queridos! Já passou da hora de estarem na cama!

Assim, com pretextos diversos, todos se foram, e Alice ficou sozinha.

– Queria não ter mencionado a Dinah! – disse para si mesma, desapontada. –

Ninguém parece gostar dela aqui embaixo, mas tenho certeza de que é a melhor gata do mundo! Oh, minha querida Dinah! Será que um dia vou poder revê-la?

Nesse momento, a pobre Alice começou a chorar de novo, pois se sentia solitária e infeliz. Entretanto, pouco tempo depois, ela escutou o som de passos miúdos à distância e levantou a cabeça, ansiosa com a possibilidade de ser o Rato, que talvez tivesse mudado de ideia e voltado para terminar sua história.

CAPÍTULO 4

O COELHO ENVIA O PEQUENO BILL

Era o Coelho Branco voltando devagar, aos pulinhos, olhando ansiosamente para todos os lados, como se tivesse perdido alguma coisa. E ela pôde ouvi-lo murmurar para si mesmo:

– A Duquesa! A Duquesa! Oh, minhas patas queridas! Oh, meu pelo e meus bigodes! Ela vai decretar minha execução; isso é tão certo quanto um furão é um furão!*** Onde posso ter deixado aquelas coisas caírem?

Alice deduziu imediatamente que o Coelho estava procurando o leque e o par de luvas brancas de pelica, e, muito gentilmente, também tentou encontrar os objetos, mas não conseguiu vê-los em lugar nenhum. Tudo parecia ter mudado desde que ela tinha nadado na lagoa, e o grande hall com a mesa de vidro e a portinha havia desaparecido completamente.

Não demorou nada para que o Coelho notasse a presença de Alice enquanto ela procurava aqui e ali, e ele logo gritou, zangado:

– Ora, Mary Ann, o que está fazendo aqui? Vá agora até lá em casa e traga um par de luvas e um leque pra mim! Depressa, já!

Alice ficou tão assustada que saiu correndo imediatamente na direção para a qual o Coelho apontava, sem nem tentar explicar que ele estava cometendo um erro.

– Achou que eu era sua empregada – falou para si mesma, enquanto corria. – Vai ficar muito surpreso quando descobrir quem realmente sou! Mas é melhor buscar o leque e as luvas... quer dizer, se eu achar.

Enquanto dizia isso, Alice deparou com uma casa pequena e de muito bom gosto, em cuja porta havia uma bela placa de bronze, onde se lia: “COELHO B”. Entrou sem bater e foi rapidamente para o andar de cima, com muito medo de encontrar a verdadeira Mary Ann e ser expulsa da casa antes mesmo de encontrar o leque e as luvas.

– Que estranho! – falou consigo mesma. – Obedecer às ordens de um coelho! Acho que, depois disso, a Dinah vai começar a me dar ordens também! – E continuou imaginando que tipo de coisa ia acontecer. Seria uma conversa mais ou menos assim:

– Senhorita Alice! Venha aqui imediatamente e esteja pronta para sua

caminhada.

– Já vou, senhora! Mas preciso vigiar o buraco do rato, senão ele pode sair.

E continuou a pensar em voz alta:

– Só que não acho que vão deixar a Dinah ficar lá em casa, se ela começar a dar ordens a todos desse jeito!

Nesse momento, Alice tinha chegado a um cômodo pequeno e bem-arrumado, com uma mesa perto da janela, sobre a qual (conforme sua expectativa) estavam um leque e dois ou três pares de luvas brancas de pelica bem pequenas. Ela já estava saindo dali quando seus olhos pousaram sobre uma pequena garrafa que estava perto do espelho. Dessa vez, não havia uma etiqueta com a ordem "BEBA-ME", mas, assim mesmo, Alice tirou a rolha e levou a garrafa aos lábios.

– Sei, com certeza, que alguma coisa interessante acontece sempre que como ou bebo algo; então, vou apenas ver o que isso vai fazer comigo. Sinceramente, espero que me faça crescer e ficar grande de novo, pois já estou bastante cansada de ser esta coisa tão pequenina!

E foi isso mesmo que aconteceu. E bem antes do que ela esperava. Não tinha tomado nem a metade do conteúdo da garrafa e sua cabeça já estava pressionando o teto, a ponto de ela ter de se abaixar para impedir que seu pescoço se quebrasse. Soltou a garrafa apressadamente, dizendo para si mesma:

– É mais que suficiente... Espero não crescer mais... Deste jeito, não vou conseguir sair pela porta... Como eu queria não ter bebido tanto!

Que pena! Era tarde demais para Alice desejar aquilo! Ela continuou a crescer e crescer, e logo, logo, teve de se ajoelhar no chão. Porém, no minuto seguinte, não havia espaço nem para isso, e a menina experimentou se deitar, com um cotovelo para fora da porta e o outro braço enrolado sobre a cabeça. Como ainda continuava a crescer, ela então, como último recurso, pôs um braço para fora da janela; uma perna foi enfiada na chaminé.

– Agora, haja o que houver, não posso fazer mais nada. Oh, o que vai ser de mim?

Felizmente para Alice, àquela altura o efeito da garrafa mágica já tinha atingido seu ponto máximo, e ela parou de crescer. Mesmo assim, estava muito desconfortável e, como parecia não haver qualquer chance de sair dali, é claro que se sentiu muito triste.

“Era bem melhor lá em casa”, pensou a pobre Alice, “onde a gente não estava sempre crescendo ou encolhendo, nem recebendo ordens de ratos e coelhos. Estou quase desejando não ter descido por aquele buraco da toca do coelho... mas, ainda assim... mas, ainda assim... chega a ser interessante... este tipo de vida! O que pode ter acontecido comigo? Quando eu lia contos de fadas, imaginava que este tipo de coisa nunca acontecia, e agora estou aqui, bem no meio de uma dessas histórias. Deveria haver um livro sobre mim, isso sim! Quando crescer, vou escrever um... epa!... agora já cresci”, lamentou-se. “Mas pelo menos aqui não há espaço pra crescer mais.”

“Ora, quer dizer que nunca vou ficar mais velha do que estou agora?”, a menina se perguntou. “De certa forma, isso pode ser bom... nunca ser uma mulher velha... mas, por outro lado... sempre terei lições pra aprender! Oh, eu não ia gostar nada disso!”

“Oh, Alice, sua boba!”, respondeu a si mesma. “Como pode ter que aprender lições aqui, neste lugar? Se quase não tem espaço pra você, teria muito menos pra livros de lições!”

E assim prosseguiu, revezando os papéis e criando, assim, uma verdadeira e completa conversa. Porém, após alguns minutos, escutou uma voz do lado de fora da casa e parou para ouvir.

– Mary Ann! Mary Ann! – disse a voz. – Traga minhas luvas imediatamente!

Em seguida, Alice escutou passos miúdos na escada. Sabia que era o Coelho procurando por ela, e tremeu tanto que até sacudiu a casa, esquecendo-se de que agora estava cerca de mil vezes maior que o Coelho, portanto, não tinha nenhuma razão para temê-lo.

Pouco tempo depois, o Coelho tentava abrir a porta. No entanto, como a porta abria para dentro e o cotovelo de Alice estava pressionado contra ela, a tentativa fracassou, e a menina ouviu o Coelho dizer para si mesmo:

– Vou dar a volta e entrar pela janela.

“Isso você não vai fazer não”, pensou Alice; e, depois de esperar até achar que tinha escutado o Coelho bem debaixo da janela, estendeu a mão para fora e tentou pegar alguma coisa no ar. Não agarrou nada, mas ouviu um pequeno guincho, uma queda e um barulho de vidro se quebrando. Então, concluiu que ele tinha caído sobre a estufa de pepinos,**** ou qualquer coisa desse tipo.

Em seguida, ouviu a voz zangada do Coelho:

– Pat! Pat! Onde você está?

Depois, uma voz que ela nunca tinha ouvido antes:

– Exatamente aqui! Cavando para encontrar maçãs, Incelença!

– Cavando para encontrar maçãs?! Francamente! – disse o Coelho, irritado. – Venha cá! Me ajude a resolver isso!

(Mais barulho de vidro se quebrando.)

– Agora diga, Pat, o que é aquilo na janela?

– Com certeza é um baraço, Incelença!

(Foi assim mesmo que ele falou: “baraço”.)

– Um braço, seu tolo?! Onde já se viu isso? Desse tamanho? Veja bem, está ocupando a janela inteira!

– Com certeza está, Incelença. Mas, ainda assim, é mesmo um baraço.

– Bem, de qualquer forma, aquilo não tem nada que estar ali. Vá e tire da janela!

Depois disso houve um longo silêncio, e Alice só conseguiu ouvir alguns sussurros, como:

– Com certeza não estou gostando nada disso, Incelença... Nem um pouco... Nada, nada!

– Faça o que estou mandando, seu covarde!

Nesse momento, a menina estendeu a mão para fora novamente e tentou, pela segunda vez, pegar alguma coisa no ar. E agora foram dois pequenos guinchos, e mais barulho de vidro se quebrando. “Que tanto de estufas de pepinos deve ter por aqui!”, pensou. “Queria saber o que vão fazer agora! Se tentarem me puxar pra fora da janela, bem que eu gostaria que conseguissem! Claro que não quero ficar aqui nem mais um minuto!”

Esperou mais um pouco, sem ouvir nada. Depois de algum tempo, escutou uma série de pequenos ruídos que pareciam vir de rodas de uma carroça, e uma grande quantidade de vozes, todas falando ao mesmo tempo. Conseguiu entendeu a seguinte conversa:

– Onde está a outra escada?

– Ora, eu só tinha de trazer uma; o Bill está com a outra.

– Bill! Traga a escada aqui, rapaz!

– Aqui! Quero que as coloquem nesse canto.

– Não, amarre uma na outra antes.

– Ainda não está atingindo nem metade da altura.

– Oh, vai dar certo. Não seja tão exigente!

– Aqui, Bill! Pegue essa corda!

– Será que o telhado vai aguentar?

– Cuidado com essa telha solta!

– Oh, está caindo! Cuidado com as cabeças aí embaixo!

(Um estrondo.)

– Epa! O que foi isso?

– Foi o Bill, acho.

– Quem vai descer pela chaminé?

– Não, eu não! Você vai!

– Não vou não!

– O Bill é que tem de ir.

– Está ouvindo, Bill? O mestre falou que você é que tem de descer pela chaminé!

Alice falou para si mesma: ”Quer dizer que o Bill é que tem de descer pela chaminé?! Que vergonha, parece que jogam tudo pra cima desse Bill! Não gostaria de estar no lugar de dele de jeito nenhum. Essa lareira é muito estreita!! Mas acho que consigo chutar!”.

Encolheu a perna dentro da chaminé o máximo que pôde e esperou até ouvir um pequeno animal (não identificou que espécie era) se arrastando com dificuldade pela chaminé, logo acima dela. “É o Bill”, pensou, e deu um pontapé forte. Em seguida, esperou para ver o que ia acontecer.

A primeira coisa que Alice ouviu foi um coro geral:

– Lá vai o Bill!

Depois, a voz do Coelho:

– Agarrem! Vocês aí perto da cerca viva!

Houve um momento de silêncio e depois outra confusão de vozes.

– Levante a cabeça dele!

– Agora, conhaque!

– Ele não pode engasgar!

– O que foi isso, amigo velho? O que aconteceu com você? Conte tudo pra nós!

Por fim, uma voz baixa, fraca e estridente (“É o Bill”, deduziu Alice):

– Bem, não sei direito... Chega de conhaque, obrigado. Estou melhor agora... Mas estou confuso demais pra explicar pra vocês... Tudo o que sei é que alguma coisa me atingiu como se fosse a mola de um boneco preso numa caixa, e lá fui eu, subindo como um foguete no céu!

– Subiu mesmo, amigo velho! – disseram os outros.

– Precisamos incendiar a casa! – disse a voz do Coelho.

Nessa hora, Alice gritou o mais alto que pôde:

– Se fizerem isso, vou soltar a Dinah e ela vai atacar todos vocês!

Fez-se silêncio imediato e absoluto, e Alice pensou: “O que será que vão fazer agora? Se tivessem um pouco de bom senso, tirariam o telhado”. Após um ou

dois minutos, começaram a se movimentar de novo, e ela ouviu o Coelho dizer:

– Pra começar, um carrinho de mão cheio vai resolver.

“Um carrinho de mão cheio de quê?”, Alice se perguntou. Mas não teve muito tempo para pensar, pois no momento seguinte uma chuva de pedras pequenas e arredondadas entrou ruidosamente pela janela e algumas delas atingiram Alice no rosto.

– Vou pôr um fim nisso – ela disse para si mesma, e gritou: – Se eu fosse vocês, não faria isso novamente!

Isso provocou um novo silêncio absoluto.

Alice percebeu, com certa surpresa, que todas as pedras se transformavam em bolos pequeninos quando pousavam no chão, e uma ideia brilhante veio à sua cabeça: “Se eu comer um desses bolos”, pensou, “ele certamente ele vai provocar alguma mudança no meu tamanho; e, como é impossível crescer mais, imagino que ele pode fazer com que meu corpo diminua”.

A menina engoliu um dos bolos e ficou encantada ao descobrir que já tinha começado a encolher. Assim que ficou suficientemente pequena para passar pela porta, saiu correndo da casa e encontrou uma verdadeira multidão de pássaros e outros pequenos animais esperando lá fora. O pobre e pequeno lagarto, o Bill, encontrava-se no meio deles, carregado por dois porquinhos-da-índia que lhe davam uma bebida. Quando Alice apareceu, todos vieram em sua direção, mas ela saiu correndo o mais rápido que podia e logo se encontrou segura em um bosque.

– A primeira coisa que tenho de fazer – falou para si mesma, enquanto caminhava sem rumo pela mata – é voltar ao meu tamanho certo. E a segunda é encontrar o caminho para aquele jardim maravilhoso. Acho que esse é o melhor plano.

Parecia um plano excelente, sem dúvida, e muito simples e bem bolado; a única dificuldade era o fato de que Alice não tinha a menor ideia de como colocá-lo em prática. Enquanto pensava e espiava ansiosamente entre as árvores à sua volta, um latido breve e agudo, bem acima de sua cabeça, fez com que olhasse para o alto imediatamente. Um filhote de cachorro muito grande estava encarando Alice com olhos redondos enormes, enquanto estendia uma pata

numa tentativa de tocá-la.

– Pobre coisinha! – falou a menina, comovida, e tentou assoviar para ele; mas, ao mesmo tempo, sentia muito medo de que ele talvez estivesse com fome e, nesse caso, a devorasse inteirinha, apesar de toda a sua compaixão.

Sem saber bem o que estava fazendo, ela pegou um graveto e o estendeu para o cachorro, que, na mesma hora, deu um salto, tirando todas as patas do chão de uma só vez, e, com um latido de alegria, avançou no graveto, parecendo que ia atacá-lo. Alice se protegeu atrás de uma planta grande para evitar ser atropelada, e, no momento em que ela apareceu do outro lado, o cachorro voou de novo em direção ao graveto, dando uma cambalhota na pressa de pegá-lo. Achando aquilo muito semelhante a uma brincadeira, e com medo de ser esmagada pelas patas do cão, escondeu-se depressa atrás da planta novamente. Então, o animal começou a fazer uma série de pequenas investidas sobre o graveto; cada vez ia um pouco para a frente e bem mais para trás, soltando latidos roucos, até que, finalmente, sentou-se a uma boa distância de Alice. Estava ofegante, com a língua de fora e os olhos grandes meio fechados.

Essa pareceu à menina uma boa oportunidade para escapar; portanto, partiu imediatamente, e correu até ficar muito cansada e sem fôlego, e até o latido do cachorro ficar bem fraco e distante.

– Apesar de tudo, que cachorrinho adorável era aquele! – exclamou Alice, enquanto se apoiava numa planta com flores amarelas e se abanava com uma das folhas. – Sei que ia adorar ensinar truques pra ele, se... se pelo menos eu tivesse um tamanho adequado pra isso. Oh, céus! Quase esqueci que preciso crescer de novo! Vamos ver... como isso deve ser feito? Suponho que tenho de comer ou beber alguma coisa; mas a grande questão é: o quê?

Sem dúvida, a grande questão era: “o quê?”. Alice olhou atentamente para as flores e folhas ao seu redor, mas não encontrou nada que parecesse ser a coisa certa para comer ou beber naquelas circunstâncias. Percebeu um cogumelo grande crescendo perto dela; era aproximadamente da sua altura. Quando já tinha olhado debaixo, dos dois lados e atrás desse cogumelo, ocorreu a ela que deveria também ver o que estava em cima dele.

Então, ficou bem na ponta dos pés e espiou o topo. No mesmo instante seus olhos encontraram os de uma grande lagarta, sentada com os braços cruzados, fumando calmamente um longo narguilé,***** sem se dar conta da presença de Alice ou de qualquer outra coisa.

CAPÍTULO 5

OS CONSELHOS DA LAGARTA

Alice e a Lagarta ficaram algum tempo se olhando em silêncio. Por fim, a Lagarta tirou o narguilé da boca e se dirigiu à menina, com uma voz suave e sonolenta.

– Quem é você? – perguntou.

Esse não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu um tanto timidamente:

– Não... não sei direito, senhora... neste exato momento... Sei, pelo menos, quem eu era quando me levantei hoje de manhã, mas acho que devo ter sido trocada várias vezes desde então.

– O que quer dizer? – perguntou a Lagarta, severa. – Explique-se!

– Infelizmente, acho que não posso explicar, senhora – falou Alice. – Porque realmente não sei quem sou, entende?

– Não entendo – disse a Lagarta.

– Não posso ser mais clara, infelizmente – Alice respondeu, muito educada. – Pra começar, porque nem eu mesma estou entendendo; e depois porque é muito confuso ficar de vários tamanhos diferentes num só dia.

– Não é – disse a Lagarta.

– Bem, talvez você ainda não tenha descoberto isso, mas quando tiver de se transformar numa crisálida... e sabe que isso vai acontecer um dia... e, em seguida, virar uma borboleta, creio que vai se sentir meio estranha, não vai?

– Nem um pouco – disse a Lagarta.

– Bem, talvez seus sentimentos sejam diferentes – Alice respondeu. – Tudo que sei é que, pra mim, seria muito estranho.

– Pra você?! – disse a Lagarta, com desdém. – Quem é você?

Com isso, voltaram ao começo da conversa. Alice estava ficando irritada com os comentários breves da Lagarta. Então, se levantou e falou, muito séria:

– Acho que primeiro deveria me dizer quem você é.

– Por quê? – disse a lagarta.

Essa era outra pergunta complicada. E, como Alice não conseguiu pensar em nenhuma boa razão, e como a Lagarta parecia estar num estado de espírito muito desagradável, a menina se virou e começou a se afastar.

– Volte! – a Lagarta chamou. – Tenho algo importante pra dizer!

Sem dúvida, isso pareceu promissor. Portanto, Alice se virou novamente e voltou.

– Mantenha a calma – disse a Lagarta.

– Isso é tudo? – Alice perguntou, tentando engolir sua raiva tanto quanto possível.

– Não – disse a Lagarta.

Alice pensou que era melhor esperar, já que não tinha mesmo mais nada para fazer e, afinal, a Lagarta poderia dizer alguma coisa que valesse a pena ouvir. Por alguns minutos, a Lagarta soprou a fumaça sem dizer nada, mas finalmente descruzou os braços, tirou o narguilé da boca novamente e disse:

– Então, acha que está trocada, não é?

– Receio que sim, senhora – Alice respondeu. – Não consigo mais lembrar as coisas, como costumava fazer... E não tenho ficado do mesmo tamanho nem por dez minutos seguidos!

– Não consegue lembrar que coisas? – perguntou a Lagarta.

– Bem, tentei recitar “Vejam como a pequena abelha atarefada”, mas saiu tudo diferente – a menina explicou, com voz triste.

– Recite “Você está velho, pai Guilherme” – disse a Lagarta.

Alice cruzou os braços e começou a recitar:

“Você está velho, pai Guilherme”, disse o jovem rapaz.

“Seu cabelo está branco, nem precisa olhar de perto.

No entanto, pra plantar bananeiras é ainda bem capaz...

Com tanta idade, acha mesmo que isso é certo?”

“Quando eu era jovem”, pai Guilherme disse ao filho,

“temia que isso prejudicasse a minha inteligência;

mas agora sei que ela é menor até que um grão de milho.

E planto todo dia, sem receio da demência”.

“Você está velho”, repetiu o jovem. “Já avisei, fui eloquente.

E também ficou bastante obeso...

...mas dá cambalhotas na varanda, toda hora, habilmente...

Como consegue, com tanto peso?”

“Quando era jovem”, disse o sábio, pensando em dar um golpe,

“mantinha meus braços e pernas sempre muito flexíveis,

com o uso desse creme... Custa bem barato o pote...

Gostaria de comprar alguns? São bastante acessíveis”.

“Você está velho”, disse o jovem, “sua mandíbula está fraquinha;

pensei que não comia nem sequer uma canja de galinha.

Mas atacou o ganso inteiro, até o bico e os ossos engoliu...

Por favor, explique já: como foi que conseguiu?”.

“Quando era jovem”, disse o pai, “fui muito justo e honesto.

E falei sobre tudo com a minha companheira.

Portanto, a força da mandíbula, e também de todo o resto,

foi mantida e vai durar a minha vida inteira”.

“Você está velho”, disse o jovem, “e ninguém jamais pensaria

que até hoje manteria assim perfeita sua visão.

E que até uma enguia, na ponta do nariz, você equilibraria...

O que fez com que ficasse tão espertalhão?”.

"Já respondi a três perguntas, e isso é suficiente",

disse o pai, com firmeza. "Não seja tão insolente!

Pensa que posso fazer isso o dia inteiro?

Sai daqui agora, ou te chuto o traseiro!"

– Não está certo – disse a Lagarta.

– Não está totalmente certo, acho. Sinto muito – desculpou-se Alice timidamente. – Troquei algumas palavras.

– Está errado do começo ao fim – afirmou a Lagarta, decidida, e houve silêncio por alguns minutos.

A Lagarta foi a primeira a falar.

– Que tamanho você quer ter? – perguntou.

– Oh, não sou exigente em relação ao tamanho – Alice respondeu apressadamente. – Mas ninguém gosta de ficar crescendo e encolhendo com tanta frequência, entende?

– Não entendo – disse a Lagarta.

Alice não falou nada; nunca antes em sua vida tinha sido tão contestada, e sentiu que estava perdendo a calma.

– Está satisfeita neste momento? – disse a Lagarta.

– Bem, gostaria de ser um pouco maior, senhora, se não se importa – falou Alice. – Oito centímetros não é uma altura muito agradável.

– Na verdade, é uma altura muito boa – disse a Lagarta, zangada, se alongando verticalmente enquanto falava. (Tinha exatamente oito centímetros de altura.)

– Mas não estou acostumada com ela! – argumentou a pobre Alice, em tom de lamento. E pensou consigo mesma: "Gostaria que as criaturas daqui não se ofendessem com tanta facilidade!".

– Com o tempo, vai se acostumar – a Lagarta afirmou, pôs o narguilé na boca e começou a fumar de novo.

Dessa vez, Alice esperou pacientemente até ela decidir voltar a falar. Após um minuto ou dois, a Lagarta tirou o narguilé da boca, bocejou uma ou duas vezes e se sacudiu. Em seguida, desceu do cogumelo e saiu rastejando pela relva, apenas aconselhando, enquanto se afastava:

– Um lado vai fazer você ficar maior. O outro vai fazer você encolher.

“Um lado de quê? O outro lado de quê?”, Alice pensou.

– Do cogumelo – a Lagarta falou, como se a menina tivesse perguntado em voz alta; e no momento seguinte já estava fora do alcance da vista.

Alice ficou olhando pensativa para o cogumelo por algum tempo, tentando descobrir quais eram os dois lados; e, como ele era perfeitamente redondo, ela achou essa pergunta muito difícil. Porém, finalmente, estendeu os braços o máximo que pôde ao redor do cogumelo e arrancou pequenos pedaços com a ponta de cada mão.

– E agora, qual é qual? – falou para si mesma e provou um pouco do pedaço que estava na mão direita para testar seu efeito. No momento seguinte, sentiu um baque violento no queixo: ele tinha batido no seu pé!

Alice ficou bastante assustada com essa mudança tão repentina, mas sentiu que não havia tempo a perder, já que estava encolhendo muito rapidamente; portanto, se apressou em comer um pouco do outro pedaço. Seu queixo estava tão pressionado contra seu pé que quase não havia espaço para ela abrir a boca. Mas, finalmente, conseguiu fazer isso e engolir uma pequena porção do pedaço que estava na mão esquerda.

* * *

– Que alívio! Finalmente minha cabeça está livre! – exclamou, em tom de alegria, que logo se transformou em alarme, pois ela percebeu que seus ombros estavam fora do alcance de seus olhos. Tudo o que Alice podia ver ao olhar para baixo era um pescoço imensamente comprido, que parecia brotar e subir diretamente de um mar de folhas verdes que ficava lá longe, bem abaixo dela.

– O que será aquele tanto de coisas verdes? – Alice se perguntou. – E onde foram parar os meus ombros? Oh! Minhas pobres mãos! Por que não consigo vê-las?

E balançava as mãos enquanto falava, mas isso não parecia ter nenhum efeito, a não ser um leve tremor entre as muito distantes folhas verdes.

Como parecia não haver a menor chance de levar as mãos à cabeça, ela tentou abaixar a cabeça até onde estavam as mãos. Ficou muito contente em constatar que seu pescoço se curvava facilmente em qualquer direção, como se fosse uma serpente. Tinha acabado de conseguir curvá-lo para baixo, formando um gracioso zigue-zague, e já ia mergulhá-lo entre as folhas, que descobriu que eram as copas das árvores sob as quais havia caminhado, quando um som agudo a fez recuar imediatamente. Uma grande pomba tinha pousado em seu rosto e batia nele violentamente com as asas.

– Serpente! – gritou a Pomba.

– Não sou uma serpente! – Alice falou, indignada. – Me deixe em paz!

– Serpente!, repito! – exclamou a Pomba, porém num tom mais suave; e acrescentou, meio chorosa: – Já tentei de tudo, mas nada parece dar certo!

– Não tenho a menor ideia de o que está dizendo – falou Alice.

– Tentei raízes de árvores, tentei barrancos e tentei cercas vivas – a Pomba prosseguiu, sem dar nenhuma atenção à menina. – Mas aquelas serpentes! Não há como agradá-las!

Alice estava cada vez mais confusa, mas achou que seria inútil dizer qualquer coisa mais até que a Pomba tivesse terminado de falar.

– Como se chocar os ovos já não fosse trabalho suficiente – a Pomba falou. – Mas não, tenho de ficar de olho nas serpentes, noite e dia! Caramba, não preguei os olhos nem uma vez nessas três últimas semanas!

– Sinto muito por você estar chateada – falou Alice, que estava começando a entender do que se tratava.

– E bem no momento em que acabo de encontrar a árvore mais alta do bosque...

– a Pomba continuou, com voz estridente. – Bem no momento em que estava pensando que finalmente ia me livrar delas, uma vem do céu, num movimento sinuoso! Serpentes! Droga!

– Mas eu não sou uma serpente, já disse! – argumentou Alice. – Sou uma... Sou uma...

– Ora! O que você é, então? – perguntou a Pomba. – Estou vendo que está tentando inventar alguma coisa!

– Sou... Sou uma menina – falou Alice, meio insegura, pois se lembrou das diversas mudanças que tinha sofrido durante aquele dia.

– Sem dúvida uma afirmação muito convincente! – disse a Pomba, com o mais profundo desdém. – Já vi um bom número de meninas na minha vida, mas nunca pus os olhos em uma que tivesse um pescoço desse! Não, não! Você é uma serpente! E nem adianta negar isso. Imagino que vai me dizer agora que nunca experimentou um ovo?!

– Já experimentei ovos, claro! – falou Alice, que era muito sincera. – As meninas comem ovos assim como as serpentes, entende?

– Não acredito nisso – disse a Pomba. – Mas se elas comem ovos, então são algum tipo de serpente. Isso é o que eu entendo.

Isso era uma ideia tão nova para Alice que ela ficou pensativa, totalmente em silêncio, por um ou dois minutos, o que deu à Pomba a oportunidade de acrescentar:

– Está procurando ovos. Sei muito bem disso. E que diferença faz pra mim se você é uma menina ou uma serpente?

– Faz muita diferença pra mim – falou Alice, imediatamente. – Mas, na verdade, não estou procurando ovos; e, se estivesse, não ia querer os seus. Não gosto deles crus.

– Pois saia daqui, então! – disse a Pomba, em tom mal-humorado, enquanto se acomodava novamente em seu ninho.

Alice agachou-se entre as árvores da melhor maneira possível, pois seu pescoço

toda hora ficava preso entre os galhos e ela tinha de parar para soltá-lo. Depois de algum tempo, lembrou que ainda tinha os pedaços de cogumelo nas mãos e, muito cuidadosamente, começou a dar pequenas mordidas, primeiro num, depois no outro. Assim, foi crescendo umas vezes, e diminuindo outras, até conseguir chegar à sua altura normal.

Fazia tanto tempo que não tinha um tamanho nem próximo do habitual que, no início, Alice se sentiu bastante esquisita. Mas acostumou-se com ele em poucos minutos e começou a conversar consigo mesma, como de costume.

– Bem, metade do meu plano já foi realizada! Como são complicadas todas essas mudanças! Nunca tenho certeza sobre o que vou virar de um minuto pra outro! Mas, pelo menos, já voltei ao meu tamanho. O próximo passo é entrar naquele belo jardim. Como será que vou fazer isso?

Enquanto falava, a menina deparou com um espaço aberto onde havia uma casa pequena, de aproximadamente um metro e vinte centímetros de altura. “Seja quem for que mora ali”, pensou, “não seria uma boa ideia eu aparecer pra eles com este tamanho”. Vão ficar completamente apavorados! Então, começou de novo a dar pequenas mordidas no pedaço de cogumelo da mão direita e não se arriscou a se aproximar da casa enquanto não tivesse encolhido até ficar com um pouco mais de vinte centímetros de altura.

CAPÍTULO 6

PORCO E PIMENTA

Al ice ficou olhando para a casa por um ou dois minutos, se perguntando o que deveria fazer em seguida, quando, de repente, um criado saiu correndo do bosque (ela concluiu que era um criado porque ele estava de libré; caso contrário, julgando apenas por seu rosto, diria que se tratava de um peixe) e, com os nós dos dedos, bateu ruidosamente na porta. Foi atendido por outro criado, também de libré, com rosto redondo e olhos grandes; este era muito parecido com um sapo. Ambos, Alice percebeu, tinham uma grande cabeleira cacheada e empoada. Muito curiosa para saber o que significava aquilo tudo, a menina furtivamente deu alguns passos para fora do bosque, tentando escutar o que os dois diziam.

Primeiro, o Criado-Peixe retirou de debaixo do braço um envelope imenso, quase tão grande quanto ele mesmo, e o entregou ao outro dizendo, em tom solene:

– Para a Duquesa. Um convite da Rainha pra jogar croquet.

O Criado-Sapo repetiu, no mesmo tom solene, apenas mudando um pouco a ordem das palavras:

– Da Rainha. Um convite para a Duquesa. Pra jogar croquet.

Em seguida, os dois fizeram uma reverência tão inclinada que os cachos de um se entrelaçaram com os do outro.

Alice riu tanto disso que teve de voltar depressa para dentro da mata, com medo de que a ouvissem. Quando espiou de novo, o Criado-Peixe tinha ido embora, e o outro estava sentado no chão, perto da porta, olhando fixamente para o céu, com uma expressão abobalhada no rosto.

Alice caminhou timidamente até a porta e bateu.

– Não adianta bater – disse o Criado. – Isso é inútil por duas razões. Primeiro, porque estou do mesmo lado da porta que você; segundo, porque estão fazendo tanto barulho lá dentro que é impossível alguém ouvi-la.

De fato, havia mesmo um barulho extraordinário dentro da casa: gritos e espirros constantes e, de vez em quando, um grande estrondo, como se um prato ou uma chaleira tivesse se espatifado.

– Então me diga, por favor: o que devo fazer para entrar?

– Poderia adiantar bater – o Criado continuou, sem prestar atenção nela –, se tivesse uma porta entre nós. Por exemplo, se você estivesse dentro, você poderia bater e eu a deixaria sair, entende?

Ele olhava para cima o tempo todo enquanto falava, e Alice achou que isso era, decididamente, um gesto indelicado. “Mas talvez ele não possa evitar”, pensou. “Seus olhos são tão próximos do topo da cabeça! De qualquer maneira, pode responder perguntas.” E repetiu, em voz alta:

– O que devo fazer para entrar?

– Vou ficar sentado aqui até amanhã... – ele falou.

Nesse momento, a porta da casa se abriu e um prato bem grande saiu voando, bem na direção da cabeça do Criado; mas, felizmente, só passou raspando em seu nariz e se espatifou ao bater em uma das árvores atrás dele.

– ...Ou até o dia seguinte, quem sabe... – o Criado continuou, exatamente no mesmo tom de voz, como se nada tivesse acontecido.

– O que devo fazer para entrar? – perguntou Alice novamente, num tom de voz mais alto.

– Você deve entrar? – disse o Criado. – Essa é a primeira pergunta, não é?

E era, logicamente. Só que Alice não queria ouvir isso.

– É realmente terrível – murmurou para si mesma – o modo como as criaturas por aqui gostam de questionar tudo. Isso leva qualquer um à loucura!

Parece que o Criado achou que aquela era uma boa oportunidade para repetir sua fala, com algumas variações:

– Vou ficar sentado aqui – disse –, de vez em quando, por dias e dias.

– Mas o que devo fazer? – perguntou Alice.

– Qualquer coisa que quiser – o Criado respondeu e começou a assoviar.

– Oh, é inútil falar com ele – Alice murmurou, desapontada. – É um perfeito idiota!

Então, simplesmente abriu a porta e entrou.

A porta dava para uma cozinha grande, cheia de fumaça. A Duquesa estava sentada em um tamborete de três pés, no meio do cômodo, ninando um bebê no colo; a cozinheira estava inclinada sobre o fogão, preparando um grande caldeirão de sopa.

– Com certeza tem pimenta demais nessa sopa – Alice falou para si mesma, da forma que conseguiu, pois não parava de espirrar.

E, de fato, tinha pimenta demais no ar. Até a Duquesa espirrava de vez em quando. O bebê espirrava e gritava, alternadamente, sem um momento de pausa. Os únicos na cozinha que não espirravam eram a cozinheira e um gato grande que estava sentado perto do fogão e sorria de uma orelha até a outra.

– Por favor, poderiam me dizer – perguntou Alice um pouco timidamente, pois não estava certa de que estaria sendo educada se falasse primeiro – por que seu gato tem esse sorriso largo assim?

– É um gato de Cheshire****** – disse a Duquesa. – É por isso. Porco!

Falou essa última palavra com uma violência tão repentina que Alice teve um sobressalto, mas logo percebeu que a Duquesa tinha se dirigido ao bebê, e não a ela. Então, tomou coragem e prosseguiu:

– Não sabia que gatos de Cheshire sorriam o tempo todo. Na verdade, nem sabia que gatos podiam sorrir.

– Todos podem – respondeu a Duquesa. – E a maioria faz isso.

– Não conheço nenhum que faz – Alice falou educadamente, sentindo-se bastante satisfeita por ter estabelecido uma conversa.

– Você não conhece muita coisa – afirmou a Duquesa. – Dá pra ver.

Alice não gostou nada do tom da afirmação e achou que era melhor mudar de assunto. Enquanto a menina pensava em alguma possibilidade, a cozinheira tirou o caldeirão do fogo e imediatamente começou a atirar na Duquesa e no bebê tudo o que estava ao seu alcance: os atiçadores de fogo vieram primeiro, seguidos por uma chuva de panelas, travessas e pratos. A Duquesa não tomou conhecimento de nada daquilo, nem mesmo quando era atingida pelos objetos. E o bebê já estava berrando tanto que era completamente impossível dizer se tinha ou não sido atingido.

– Oh, por favor, veja o que está fazendo! – Alice gritou, aos pulos, aterrorizada. – Oh, lá se vai o precioso narizinho dele! – exclamou, quando uma panela extraordinariamente grande passou voando bem perto do nariz do bebê e quase o arrancou.

– Se todo mundo cuidasse apenas de sua própria vida – a Duquesa resmungou, com voz rouca –, o mundo giraria bem mais depressa.

– O que não seria nenhuma vantagem – falou Alice, que estava visivelmente satisfeita com a oportunidade de exibir um pouco de sua sabedoria. – Imagine só o efeito que isso teria sobre o dia e a noite! Todos nós sabemos que o mundo leva vinte e quatro horas pra girar em torno de seu eixo...

– Por falar em eixos – a Duquesa interrompeu. –, cortem a cabeça dela!

Alice olhou, bastante ansiosa, para a cozinheira, tentando ver se ela pretendia obedecer à ordem, mas a mulher estava muito ocupada misturando a sopa e pareceu nem ouvir o que foi dito. Então a menina prosseguiu:

– São vinte e quatro horas, acho; ou seriam doze? Eu...

– Ora, não me chateie – disse a Duquesa. – Nunca suportei números!

E, em seguida, voltou a embalar o bebê, com uma espécie de cantiga de ninar, dando uma balançada violenta nele ao final de cada verso.

Seja rude com seu filhinho

e bata, se ele espirrar.

Só faz isso porque é levadinho

e gosta de incomodar.

REFRÃO

(aqui, a cozinheira e o bebê se juntam)

Uau! Uau! Uau!

Enquanto cantava a segunda parte da música, a Duquesa jogava violentamente o bebê para cima e para baixo, e o pobrezinho berrava tanto que Alice mal conseguiu ouvir as palavras.

Sou brava com meu filhinho

e bato quando ele espirra.

Então ele fica bonzinho

pois gosta de pimenta, isso só é birra.

REFRÃO

Uau! Uau! Uau!

– Tome! Pode ninar um pouco, se quiser! – a Duquesa falou e atirou o bebê para Alice. – Preciso me aprontar para jogar croquet com a Rainha.

Enquanto a Duquesa saía apressadamente, a cozinheira jogou uma frigideira em sua direção, mas, por pouco, errou a pontaria.

Alice pegou o bebê com certa dificuldade, porque era uma pequena criatura com um formato um tanto estranho e estendia as pernas e os braços em todas as direções, “parecendo uma estrela-do-mar”, pensou a menina. O pobrezinho estava bufando como uma locomotiva quando ela o segurou, e continuou se curvando e se esticando todo de tal forma que nos primeiros minutos tudo o que ela conseguiu fazer foi apenas mantê-lo em seus braços.

Assim que descobriu o jeito certo de ninar o bebê (que era torcê-lo, fazendo uma espécie de nó, e depois segurar firme sua orelha direita e seu pé esquerdo, para que ele não se desatasse), foi com ele para o ar livre. “Se eu não levá-la embora comigo”, Alice pensou, “com certeza, vão acabar matando esta criança”.

– Não seria um assassinato deixá-la pra trás? – falou em voz alta, e a pequena criatura soltou um grunhido como resposta (nesse momento, não estava mais espirrando). – Não faça isso! – Alice falou. – Não é, de maneira nenhuma, um jeito apropriado de se expressar.

O bebê grunhiu de novo, e Alice olhou ansiosamente para seu rosto, tentando entender qual era o problema dele. Não havia dúvida de que tinha um nariz muito arrebitado, mais parecido com um focinho do que com um nariz de verdade. Além disso, seus olhos estavam ficando pequenos demais para serem de um bebê. Juntando tudo, Alice não gostou nem um pouco da aparência daquilo. “Quem sabe ele estava apenas soluçando?!”, pensou; e olhou novamente para conferir se havia alguma lágrima.

Não, não havia lágrima nenhuma.

– Se vai se transformar num porco, meu caro – Alice falou, séria –, não vou ter mais o que fazer com você. Cuidado!

A pobre criatura soluçou de novo (ou grunhiu, pois era impossível distinguir uma coisa da outra), e eles ficaram em silêncio por algum tempo.

Alice tinha começado a pensar: “E agora, o que vou fazer com essa criatura na

hora que eu voltar pra casa?”, quando ouviu um novo grunhido, tão violento que ela olhou alarmada para o rosto do bebê. Dessa vez, não podia ter dúvida nenhuma: era nada mais nada menos que um porco, e ela achou que seria um grande absurdo continuar a carregá-lo.

Sendo assim, pôs a pequena criatura no chão e sentiu-se bastante aliviada ao vê-lo se dirigir tranquilamente para o bosque.

– Se ele tivesse crescido – disse para si mesma –, teria virado uma criança assustadoramente feia. Mas, como porco, acho que é até bem bonito.

Então começou a se lembrar de outras crianças que conhecia e que poderiam ficar muito bem como porcos, e, exatamente quando estava pensando: “Se ao menos a gente soubesse a maneira certa de transformá-las...”, ficou ligeiramente espantada, pois viu o Gato sorridente de Cheshire sentado no galho de uma árvore a poucos metros dela.

O Gato apenas sorriu, quando viu Alice, e ela achou que ele parecia amável. Mas tinha garras muito compridas e inúmeros dentes, portanto a menina sentiu que deveria tratá-lo com respeito.

– Bichano de Cheshire – disse, timidamente, pois não tinha a menor ideia se ele gostaria de ser chamado assim. Porém, o Gato apenas deu um sorriso ainda mais largo.

“Bem, até agora, ele parece satisfeito”, Alice pensou. E continuou a falar:

– Poderia me dizer, por favor, qual caminho devo seguir?

– Isso depende muito de onde você quer chegar – respondeu o Gato.

– Não me importo muito com onde... – falou Alice.

– Então pode seguir qualquer um – falou o Gato.

– ...contanto que eu chegue a algum lugar – Alice acrescentou, como explicação.

– Oh, certamente vai chegar, se andar o suficiente.

Alice sentiu que isso era inegável e, portanto, tentou outra pergunta:

– Que tipo de gente vive por aqui?

– Naquela direção – o Gato falou, apontando com a pata direita –, mora um Chapeleiro. E naquela direção – acrescentou, apontando com a outra –, mora uma Lebre de Março. Visite qualquer um dos dois: ambos são malucos.

– Mas não quero encontrar com gente maluca – Alice falou.

– Oh, você não pode evitar isso – disse o Gato. – Somos todos malucos aqui. Eu sou maluco. Você é maluca.

– Como sabe que sou maluca? – perguntou Alice.

– Deve ser – disse o Gato. – Senão não teria vindo aqui.

Alice achou que, decididamente, aquele não era um bom argumento. Entretanto, continuou a conversa.

– E como sabe que você é maluco?

– Pra começar – disse o Gato –, um cachorro não é maluco. Admite isso?

– Imagino que sim – respondeu Alice.

– Bom, então – o Gato prosseguiu –, pense nisto: um cachorro rosna quando está bravo e abana o rabo quando está contente. Pois eu rosno quando estou contente e abano o rabo quando estou bravo. Portanto, sou maluco.

– Eu chamo o que você faz de ronronar, não rosnar – ela falou.

– Chame do que quiser – disse o Gato. – Vai jogar croquet com a Rainha hoje?

– Gostaria muito – Alice respondeu. – Mas não fui convidada ainda.

– Vai me ver lá – o Gato falou e desapareceu.

Alice não ficou muito surpresa com isso. Estava ficando realmente acostumada com coisas estranhas acontecendo o tempo todo. Enquanto ela olhava para o lugar onde ele tinha estado antes de sumir, o Gato apareceu de novo, de repente.

– A propósito, o que houve com o bebê? – indagou. – Quase me esqueci de perguntar.

– Virou um porco – Alice falou tranquilamente, como se o Gato tivesse reaparecido da maneira mais natural.

– Achei mesmo que isso ia acontecer – disse ele; e desapareceu de novo.

Alice ficou ali por algum tempo, em parte esperando vê-lo novamente, mas ele não apareceu; depois de um ou dois minutos, ela caminhou na direção em que o Gato tinha dito que a Lebre de Março morava.

– Já vi chapeleiros antes – falou consigo mesma. – A Lebre de Março vai ser muito mais interessante; e, como estamos em maio, talvez ela não esteja delirando loucamente... ao menos, não tão loucamente quanto estava em março.

Enquanto dizia isso, olhou para cima... e lá estava o Gato de novo, sentado no galho de uma árvore.

– Você disse “porco” ou “corvo”? – ele perguntou.

– Falei porco – Alice respondeu. – E queria que você não continuasse aparecendo e desaparecendo tão subitamente; está me deixando tonta.

– Está bem – disse o Gato; e dessa vez desapareceu bem vagarosamente, começando pela ponta do rabo e acabando pelo sorriso, que ainda permaneceu algum tempo depois que o resto já tinha sumido.

“Caramba! Vi, muitas vezes, um gato sem um sorriso”, Alice pensou, “mas nunca vi um sorriso sem gato! Essa é a coisa mais extraordinária que já vi em toda a minha vida!”.

Ela não tinha ido muito mais longe quando avistou a casa da Lebre de Março. Achou que devia ser aquela, porque as chaminés tinham o formato de orelhas e o telhado era coberto com pelo. Era uma casa tão grande que Alice não quis se aproximar mais enquanto não tivesse dado uma pequena mordida no pedaço de

cogumelo da mão esquerda e aumentado sua altura para aproximadamente sessenta centímetros. Ainda assim, caminhou bem devagar, pensando: “E se, afinal de contas, ela estiver delirando loucamente? Eu quase gostaria de ter ido visitar o Chapeleiro, em vez de vir aqui!”.

CAPÍTULO 7

UM CHÁ MALUCO

Havia uma mesa preparada embaixo de uma árvore na frente da casa, e a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam sentados tomando chá. Um esquilo estava sentado entre eles, dormindo profundamente, e os dois o usavam como almofada: descansavam os cotovelos sobre ele e falavam por cima de sua cabeça. “Muito desconfortável para o esquilo”, pensou Alice. “Acho que só não se importa porque está dormindo.”

A mesa era grande, mas os três estavam apertados num só canto.

– Não tem espaço! Não tem espaço! – gritaram quando viram Alice se aproximando.

– Tem muito espaço! – Alice falou, indignada, e sentou-se sobre uma grande poltrona numa ponta da mesa.

– Tome um pouco de vinho – disse a Lebre de Março, em tom encorajador.

Alice olhou a mesa toda, mas não tinha nada sobre ela, exceto chá.

– Não vejo vinho nenhum – disse.

– Não tem vinho – falou a Lebre de Março.

– Então não foi muito gentil, da sua parte, oferecer – Alice retrucou, zangada.

– Não foi muito gentil, da sua parte, sentar-se sem ter sido convidada – disse a Lebre de Março.

– Não sabia que a mesa era sua. Está preparada pra bem mais do que três convidados.

– Seu cabelo precisa ser cortado – disse o Chapeleiro. Tinha observado Alice por algum tempo, com grande curiosidade, e essa foi a primeira vez que falou.

– E você precisa aprender a não fazer observações pessoais – Alice respondeu severamente. – Isso é muito rude.

Ao ouvir isso, o Chapeleiro arregalou os olhos; porém, tudo o que disse foi:

– Por que um corvo é semelhante a uma escrivaninha?

“Que bom, vamos nos divertir um pouco agora!”, pensou Alice. “Estou contente por terem começado a sugerir adivinhações.” E acrescentou, agora em voz alta:

– Creio que posso responder essa.

– Isso significa que pensa que sabe a resposta?

– Exatamente.

– Então deve saber o que pensa – a Lebre de Março continuou.

– Isso mesmo – Alice respondeu apressadamente. – Ao menos... ao menos penso o que sei... é a mesma coisa, não é?

– Não é a mesma coisa, de jeito nenhum! – disse o Chapeleiro. – Só falta você dizer que “eu vejo o que como” é a mesma coisa que “eu como o que vejo”!

– Só falta você dizer – acrescentou a Lebre de Março – que “eu prezo o que consigo” é a mesma coisa que “eu consigo o que prezo”!

– Só falta você dizer – acrescentou o Esquilo, que parecia falar dormindo – que “eu respiro quando durmo” é a mesma coisa que “eu durmo quando respiro”!

– Com você, é a mesma coisa – o Chapeleiro falou.

A essa altura, a conversa acabou e o grupo ficou em silêncio por algum tempo, enquanto Alice se esforçava para lembrar tudo o que sabia a respeito de corvos e escrivaninhas, o que não era muito.

O Chapeleiro foi o primeiro a quebrar o silêncio.

– Que dia do mês é hoje? – perguntou, dirigindo-se a Alice.

Ele tinha tirado o relógio do bolso e olhava para ele, inquieto, sacudindo-o de vez em quando e levando-o ao ouvido.

Alice pensou um pouco e depois disse:

– Dia 4.

– Está vendo? Está errado; dois dias de atraso! – lamentou o Chapeleiro. – Falei

com você que manteiga não ia resolver o problema! – acrescentou, olhando, zangado, para a Lebre de Março.

– Era a melhor manteiga – a Lebre de Março respondeu docilmente.

– Sim, mas algumas migalhas devem ter entrado também – o Chapeleiro resmungou. – Você não podia ter usado a faca de pão pra pôr a manteiga.

A Lebre de Março pegou o relógio e olhou para ele com tristeza. Depois, mergulhou o relógio na sua xícara de chá e olhou para ele de novo, mas não pensou em nada para dizer que fosse melhor que seu comentário anterior:

– Era a melhor manteiga...

Alice estava olhando por sobre os ombros da Lebre com curiosidade.

– Que relógio esquisito! – comentou. – Ele mostra o dia do mês, mas não mostra que horas são.

– Por que deveria? – murmurou o Chapeleiro. – O seu relógio mostra em que ano estamos?

– Claro que não – Alice respondeu prontamente. – Mas isso é porque ele fica no mesmo ano por muito tempo.

– O que é exatamente o caso do meu – disse o Chapeleiro.

Alice sentiu-se terrivelmente confusa. O comentário do Chapeleiro parecia não fazer sentido nenhum, mas, ainda assim, e certamente, não era em outra língua.

– Não entendi direito – ela disse, da maneira mais educada que conseguiu.

– O Esquilo dormiu de novo – o Chapeleiro falou e, em seguida, derramou um pouco de chá sobre o nariz dele.

O Esquilo balançou a cabeça impacientemente e falou, sem abrir os olhos:

– Lógico, lógico; exatamente o que eu ia dizer.

– Já tem a resposta da adivinhação? – o Chapeleiro perguntou, virando-se para Alice novamente.

– Não, eu desisto – a menina falou. – Qual é a resposta?

– Não tenho a menor ideia – falou o Chapeleiro.

– Nem eu – falou a Lebre de Março.

Alice suspirou, aborrecida.

– Acho que deveriam fazer alguma coisa melhor com o tempo, em vez de desperdiçá-lo com adivinhações que não têm respostas.

– Se conhecesse o Tempo tão bem como eu conheço – disse o Chapeleiro –, não falaria sobre desperdiçá-lo. Seria mais respeitosa com Ele.

– Não entendo o que quer dizer – Alice falou.

– Claro que não! – disse o Chapeleiro, sacudindo a cabeça, com desdém. – Eu ousaria dizer que você nunca sequer falou com o Tempo!

– Acho que não – ela respondeu cautelosamente. – Mas sei que tenho de marcar o tempo quando estou estudando música.

– Ah! Está explicado – concluiu o Chapeleiro. – Ele não tolera ser marcado. Agora, se você mantivesse boas relações com ele, ele faria com o relógio quase tudo o que você quisesse. Por exemplo, vamos supor que sejam 9h da manhã, exatamente a hora de começar as lições. Basta sussurrar uma indicação para o Tempo e, num piscar de olhos, o relógio se moverá! Pronto, 13h30, hora do almoço!

(– Bem que eu queria que fosse – a Lebre de Março falou para si mesma, num sussurro.)

– Isso seria ótimo, com certeza – Alice falou, pensativa. – Mas então... eu não ia estar com fome de almoço, não é?

– No início, talvez não – disse o Chapeleiro. – Mas você poderia deixar o relógio marcando 13h30 enquanto quisesse.

– É assim que você faz? – Alice perguntou.

O Chapeleiro balançou a cabeça pesarosamente.

– Eu não! – respondeu. – Nós brigamos em março passado... pouco antes de ele ficar maluco, sabe como é... (apontava com a colher de chá para a Lebre de Março). Foi no grande concerto oferecido pela Rainha de Copas. Eu tinha de cantar:

Pisca, pisca, morceguinho!

Vai traçando seu caminho…

Depois falou:

– Conhece a música, talvez?!

– Já ouvi algo parecido – Alice respondeu.

Bem alto, voa pra cá e pra lá,

tal como a bandeja de chá.

Pisca, pisca…

Nesse momento, o Esquilo sacudiu-se e começou a cantar dormindo:

– Pisca, pisca, pisca, pisca…

E prosseguiu ininterruptamente por tanto tempo que tiveram de beliscá-lo para que parasse.

– Bom, eu mal tinha acabado o primeiro verso – disse o Chapeleiro –, quando a Rainha deu um pulo e berrou: “Ele está matando o tempo! Cortem sua cabeça!”.

– Que coisa terrivelmente selvagem! – exclamou Alice.

– E desde então – o Chapeleiro continuou –, ele se recusa a fazer tudo que eu peço! Agora são 6h o tempo todo.

Uma ideia brilhante veio à cabeça de Alice.

– É por isso que há tantas xícaras de chá sobre a mesa?

– Sim, é por isso – respondeu o Chapeleiro, com um suspiro. – Agora é sempre a hora do chá, e não temos tempo para lavar a louça entre um chá e outro.

– Então suponho que vocês vão mudando de lugar ao redor da mesa; estou certa? – perguntou Alice.

– Exatamente – falou o Chapeleiro. – Quando não dá mais para usar as mesmas xícaras.

– Mas o que acontece quando chegam ao início de novo? – Alice se arriscou a perguntar.

– Que tal mudar de assunto? – a Lebre de Março interrompeu, bocejando. – Estou ficando cansada desse. Meu voto é para que a menina nos conte uma história.

– Acho que não sei nenhuma – falou Alice, bastante alarmada com a proposta.

– Então o Esquilo vai contar! – ambos gritaram. – Acorde, Esquilo!

E o beliscaram dos dois lados.

O Esquilo abriu os olhos lentamente.

– Eu não estava dormindo – disse, com voz rouca e fraca. – Ouvi todas as palavras que vocês disseram.

– Conte uma história pra nós! – disse a Lebre de Março.

– Sim, por favor! – pediu Alice.

– E seja rápido com isso – acrescentou o Chapeleiro. – Senão vai dormir de

novo, antes de acabar.

– Era uma vez três irmãzinhas – o Esquilo começou apressadamente. – Seus nomes eram Elsie, Lacie e Tillie; moravam no fundo de um poço...

– Se alimentavam de quê? – perguntou Alice, que sempre teve grande interesse por questões referentes a comida e bebida.

– De melado – disse o Esquilo, após pensar por um ou dois minutos.

– Isso não pode ser, entende? – Alice comentou gentilmente. – Elas teriam ficado doentes.

– E ficaram mesmo – falou o Esquilo. – Muito doentes.

Alice tentou imaginar como seria esse extraordinário modo de vida, mas estava confusa demais; então, fez outra pergunta:

– Por que elas moravam no fundo do poço?

– Tome mais chá – a Lebre de Março falou muito séria com Alice.

– Não tomei nenhum ainda – Alice respondeu, ofendida. – Portanto não posso tomar mais.

– Você quer dizer que não pode tomar menos – disse o Chapeleiro. – É muito fácil tomar mais que nada.

– Ninguém perguntou sua opinião – falou Alice.

– Quem está fazendo observações pessoais agora? – o Chapeleiro perguntou, triunfante.

Alice realmente não soube como responder a isso. Então serviu-se de um pouco de chá e pão com manteiga. Depois, virou-se para o Esquilo e repetiu sua pergunta:

– Por que elas moravam no fundo do poço?

Mais uma vez, o Esquilo pensou sobre isso por um ou dois minutos e, em seguida, explicou:

– Era um poço de melado.

– Não existe isso! – Alice estava começando a protestar, muito irritada, mas o Chapeleiro e a Lebre de Março fizeram: “Pss! Pss!”, e o Esquilo falou, mal-humorado:

– Se não pode ser educada, é melhor você mesma terminar a história.

– Não, por favor, continue! – Alice falou muito humildemente. – Não vou mais interromper. Digo até que pode existir um.

– Um! Francamente! – disse o Esquilo, indignado. Entretanto consentiu em continuar. – E então essas três irmãzinhas... Elas estavam aprendendo a extrair, sabem como é...

– O que elas extraíam? – Alice perguntou, esquecendo-se completamente de sua promessa.

– Melado – disse o Esquilo, dessa vez sem parar para pensar.

– Quero uma xícara limpa – interrompeu o Chapeleiro. – Vamos todos mudar para o próximo assento.

Ele mudou, enquanto falava, e o Esquilo fez o mesmo. A Lebre de Março se mudou para o assento do Esquilo, e Alice, com certa má vontade, pegou o lugar da Lebre de Março. O Chapeleiro foi o único a levar vantagem com a mudança. Alice ficou pior do que antes, pois a Lebre de Março tinha acabado de virar a jarra de leite sobre o prato.

Como não queria ofender o Esquilo de novo, a menina começou a pergunta cautelosamente:

– Não consigo entender. De onde extraíam o melado?

– Você pode extrair água de um poço de água, não pode? – disse o Chapeleiro. – Da mesma forma, pode extrair melado de um poço de melado... Que idiota!

– Mas elas estavam dentro do poço – Alice falou com o Esquilo, preferindo ignorar suas últimas palavras.

– Claro que estavam – disse o Esquilo. – Poço adentro.

Essa resposta confundiu tanto Alice que ela deixou o Esquilo continuar a história por algum tempo, sem interrompê-lo.

– Estavam aprendendo a extrair – o Esquilo prosseguiu, bocejando e coçando os olhos, pois estava ficando muito sonolento. – E elas tiravam todo tipo de coisas... tudo que começa com M...

– Por que M? – Alice perguntou.

– Por que não? – disse a Lebre de Março.

Alice ficou calada.

A essa altura, o Esquilo tinha fechado os olhos e estava cochilando; porém, ao ser beliscado pelo Chapeleiro, acordou de novo, deu um pequeno guincho e continuou a história:

– ...que começa com M, como meia-lua, mar, memória, e magnitude... sabe como é, falam em “estrelas de primeira magnitude”... já viu algo como uma extração de magnitude?

– Na verdade, agora que perguntou – Alice falou, realmente confusa –, acho que não...

– Então fique calada – disse o Chapeleiro.

Essa indelicadeza foi além do que Alice podia tolerar; ela se levantou, muito aborrecida, e se afastou. O Esquilo adormeceu imediatamente e os outros nem perceberam que a menina estava saindo dali, embora ela tenha olhado para trás uma ou duas vezes, em parte esperando que a chamassem de volta. Na última vez em que olhou, eles estavam tentando colocar o Esquilo dentro do bule de chá.

– Haja o que houver, nunca mais vou lá! – Alice falou, enquanto se dirigia para o bosque. – É o chá mais estúpido que já vi em toda a minha vida!

Assim que disse isso, percebeu que no tronco de uma das árvores havia uma porta que dava para seu interior. “Isso é muito esquisito!”, pensou. “Mas tudo está estranho hoje. Acho que é melhor entrar logo.” E entrou.

Mais uma vez, Alice se viu dentro do grande hall, e perto da pequena mesa de vidro.

– Bem, desta vez vou fazer melhor – falou consigo mesma, e começou por pegar a chave de ouro e destrancar a porta que dava para o jardim. Depois, deu pequenas mordidas no cogumelo (tinha guardado um pedaço no bolso) até ficar com aproximadamente trinta centímetros de altura. Em seguida, Alice atravessou a passagem, e então... então se viu, finalmente, no jardim maravilhoso, entre os canteiros de flores e as fontes de água fresca.

CAPÍTULO 8

O CAMPO DE *CROQUET* DA RAINHA

Havia uma roseira grande perto da entrada do jardim. As rosas que cresciam nela eram brancas, mas três jardineiros estavam muito ocupados em pintá-las de vermelho. Alice achou isso muito estranho e se aproximou para observá-los. Assim que chegou a uma pequena distância, escutou um deles dizer:

– Tome mais cuidado, Cinco! Pare de respingar tinta em mim desse jeito!

– Não pude evitar – disse Cinco, irritado. – Sete esbarrou no meu cotovelo.

Nesse momento, Sete virou-se e disse:

– Isso mesmo, Cinco! Ponha sempre a culpa nos outros!

– É melhor você ficar calado! – respondeu Cinco. – Ouvi dizer que ontem mesmo a Rainha falou que você merecia ser decapitado!

– Por quê? – perguntou o que tinha falado primeiro.

– Não é da sua conta, Dois! – disse Sete.

– Sim, é da conta dele! – disse Cinco. – E vou contar por quê: por ter trazido bulbos de tulipas em vez de cebolas.

Sete largou seu pincel e tinha apenas começado a dizer: – Ora, de todas as coisas injustas... –, quando, por acaso, viu Alice olhando atentamente para eles e parou de falar subitamente.

Os outros também olharam ao redor e todos fizeram uma grande reverência.

– Poderiam me dizer – Alice perguntou, ligeiramente tímida – por que estão pintando essas rosas?

Cinco e Sete não disseram nada, mas olharam para Dois. Este começou a falar, com voz baixa:

– Ora, o fato é que, veja só, senhorita, essa deveria ser uma roseira de flores vermelhas, mas plantei uma de flores brancas, por engano. Se a Rainha descobrir, teremos nossas cabeças cortadas, entende? Então, senhorita, estamos fazendo o que podemos, antes que a Rainha chegue, pra...

Nesse momento, Cinco, que tinha ficado olhando, aflito, para todo o jardim, exclamou:

– A Rainha! A Rainha!

E os três jardineiros imediatamente deitaram de bruços no chão. Alice ouviu o som de muitos passos e olhou em volta, ansiosa para ver a Rainha.

Primeiro, vieram dez soldados carregando porretes com o formato do naipe de paus; todos eram semelhantes aos jardineiros: planos e retangulares, com as mãos e os pés presos nos cantos. Depois, apareceram dez cortesãos: estavam muito ornamentados com losangos vermelhos e caminhavam dois a dois, assim como os soldados. Atrás dos cortesãos, estavam as crianças da família real: havia dez delas, e essas pequenas e encantadoras criaturas, enfeitadas com muitos corações vermelhos, vinham saltitando alegremente, de mãos dadas, e também aos pares. Em seguida, vieram os convidados, em sua maioria reis e rainhas, e, entre eles, Alice reconheceu o Coelho Branco: falava muito, estava apressado e nervoso, sorrindo sempre que diziam alguma coisa, e passou direto, sem sequer notá-la. O próximo era o Valete de Copas, carregando a coroa do Rei sobre uma almofada de veludo vermelho. E, ao final desse grande cortejo, estavam O REI E A RAINHA DE COPAS!

Alice se perguntou se deveria deitar de bruços como tinham feito os três jardineiros, mas não conseguiu se lembrar de já ter ouvido, alguma vez na vida, que essa era uma regra em cortejos. “Além disso, qual seria a utilidade de um cortejo”, pensou, “se todas as pessoas tivessem de se deitar de bruços, de modo que não poderiam vê-lo?”. Sendo assim, ficou como e onde estava, e apenas esperou.

Quando o cortejo ficou frente a frente com Alice, todos pararam e olharam para ela, e a Rainha perguntou severamente:

– Quem é essa?

Falou isso com o Valete de Copas, que somente fez uma reverência e sorriu como resposta.

– Idiota! – exclamou a Rainha, impaciente, levantando a cabeça e, depois, dirigindo-se a Alice:

– Qual é o seu nome, menina?

– Meu nome é Alice, a seu dispor, Vossa Majestade – ela respondeu muito educadamente; mas pensou consigo mesma: “Ora, afinal de contas, são apenas um baralho de cartas. Não preciso ter medo deles”.

– E quem são esses? – a Rainha perguntou, apontando para os três jardineiros deitados em volta da roseira. (Como você sabe, eles estavam deitados de bruços, e o que podia ser visto nas suas costas era o mesmo que se via no resto do baralho; portanto, ela não podia dizer se eram jardineiros, ou soldados, ou cortesãos, ou três das crianças do grupo.)

– Como vou saber? – respondeu Alice, surpresa com a própria coragem. – Não é da minha conta.

A Rainha ficou muito vermelha, furiosa, e, depois de encarar Alice por um momento, como faz uma fera selvagem, gritou:

– Cortem a cabeça dela! Cortem...

– Bobagem! – Alice falou bem alto, muito decidida; e a Rainha ficou em silêncio.

O Rei pôs a mão no ombro da esposa e disse timidamente:

– Pense bem, minha querida: é apenas uma criança!

A Rainha, muito zangada, simplesmente o ignorou; virou-se para o Valete e ordenou:

– Desvire-os!

Muito cuidadosamente, o Valete fez isso com os pés.

– Levantem-se! – falou a Rainha, com uma voz alta e estridente.

Os três jardineiros ficaram de pé imediatamente e começaram a reverenciar o Rei, a Rainha, as crianças da família real e todos os outros ali presentes.

– Parem com isso! – gritou a Rainha. – Estão me deixando tonta.

Depois, olhando para a roseira, perguntou:

– O que estavam fazendo aqui?

– Para agradar Vossa Majestade – disse Dois, muito humildemente, dobrando um joelho enquanto falava –, estávamos tentando...

– Já entendi – interrompeu a Rainha, que, enquanto o jardineiro tentava se explicar, tinha examinado as rosas. – Cortem as cabeças deles!

E o cortejo prosseguiu com exceção de três soldados, que ficaram para trás incumbidos de executar os infelizes jardineiros, os quais, por sua vez, correram para Alice em busca de proteção.

– Vocês não serão decapitados! – Alice afirmou e os colocou dentro de um vaso de flores que estava por perto.

Os três soldados ficaram andando de um lado para o outro por um ou dois minutos, procurando os jardineiros, e depois saíram marchando tranquilamente atrás do cortejo.

– Foram decapitados? – gritou a Rainha.

– Suas cabeças se foram, se isso agrada Vossa Majestade! – os soldados gritaram como resposta.

– Muito bem! – gritou a Rainha. – Você sabe jogar croquet?

Os soldados ficaram em silêncio e olharam para Alice, pois a pergunta era, evidentemente, dirigida a ela.

– Sim – gritou Alice.

– Então venha! – a Rainha berrou, e a menina se juntou ao cortejo, realmente curiosa para saber o que aconteceria em seguida.

– É... é um dia muito bonito! – disse uma voz tímida.

Alice estava andando ao lado do Coelho Branco, que olhava ansiosamente para o rosto da menina.

– Muito! – ela falou. – Onde está a Duquesa?

– Silêncio! Silêncio! – pediu o Coelho, com voz baixa e apressada.

Olhou ansiosamente sobre o ombro enquanto falava, depois ficou nas pontas dos pés e sussurrou no ouvido dela:

– Está com sentença de execução.

– Que houve? – Alice quis saber.

– Disse: “Que pena?” – o Coelho perguntou.

– Não, não falei isso – Alice respondeu. – Não acho, de jeito nenhum, que seja uma pena. Falei: “Que houve?”.

– Ela bateu nas orelhas da Rainha... – o Coelho começou a falar.

Alice estava prestes a dar uma gargalhada, mas o Coelho sussurrou, amedrontado:

– Silêncio! A Rainha pode ouvi-la! A Duquesa chegou muito atrasada, e a Rainha disse...

– Todos em seus lugares! – gritou a Rainha, com voz de trovão, e todo mundo começou a correr em todas as direções, tropeçando uns nos outros. Ainda assim, acomodaram-se logo e o jogo teve início.

Alice pensou que nunca tinha visto um campo de croquet tão esquisito em toda a sua vida. Era cheio de elevações e cavidades; as bolas eram ouriços vivos; os tacos, flamingos também vivos; e os soldados tinham de se curvar e se apoiar nas mãos e nos pés para formar os arcos.

A maior dificuldade que Alice encontrou no início foi manejar seu flamingo. Por fim, conseguiu encaixar o corpo dele, de maneira confortável, debaixo de seu braço; as pernas ficaram penduradas atrás dela. Entretanto, quando ela ajeitava satisfatoriamente o pescoço da ave e ia dar uma tacada no ouriço com a cabeça do flamingo, este insistia em virar-se e encará-la, face a face, com uma expressão tão espantada que ela não podia deixar de dar uma gargalhada. E quando finalmente a menina conseguia abaixar a cabeça dele e ia começar de novo, ela percebia, desapontada, que o ouriço tinha se desenrolado e estava se afastando. Além de tudo, havia frequentemente uma elevação ou cavidade no caminho, em qualquer direção na qual ela quisesse mandar o ouriço, e, já que os soldados curvados estavam sempre ficando de pé e caminhando para outras partes do campo, Alice logo concluiu que era um jogo realmente muito difícil.

Todos jogavam ao mesmo tempo, sem esperar sua vez, brigando constantemente e lutando pelos ouriços. Depois de bem pouco tempo, a Rainha teve um ataque de fúria e saiu andando de um lado para outro, batendo o pé e gritando sem parar:

– Cortem a cabeça dele! Cortem a cabeça dela!

Alice começou a ficar muito preocupada; embora ainda não tivesse enfrentado nenhuma disputa com a Rainha, ela sabia que isso poderia acontecer a qualquer minuto; “Então”, pensou, “o que será de mim? Eles gostam terrivelmente de cortar as cabeças das pessoas por aqui; nem entendo como algumas ainda estão vivas!”.

Estava olhando ao redor, procurando algum jeito de sair dali sem ser vista, quando percebeu algo estranho surgindo no ar. No início ficou bastante confusa, mas depois de observar por um minuto ou dois, concluiu que era um sorriso e pensou: “É o Gato de Cheshire; agora vou ter com quem conversar”.

– Como está se saindo? – o Gato perguntou, assim que havia boca suficiente para ele falar.

Alice esperou até os olhos aparecerem também, depois acenou com a cabeça. “Não adianta falar com ele”, pensou, “enquanto as orelhas não tiverem chegado; ou ao menos uma delas”. No minuto seguinte, toda a cabeça do Gato apareceu, então Alice pôs seu flamingo de lado e começou a falar do jogo, muito contente por ter alguém para ouvi-la. Parece que o Gato achou que já tinha um pedaço

suficiente dele à vista, pois o resto do corpo não apareceu.

– Acho que eles não jogam nem um pouco honestamente – ela reclamou. – E brigam tanto e tão terrivelmente que não podem escutar nem o que eles mesmos estão dizendo... Parece que não têm nenhuma regra; pelo menos, se têm alguma, ninguém obedece... Não imagina como é confuso, estando tudo vivo. Por exemplo, o arco que eu tinha de atravessar em seguida saiu andando pro outro lado do campo... E eu deveria ter acertado o ouriço da Rainha exatamente agora, mas ele fugiu quando viu que o meu estava chegando!

– Está gostando da Rainha? – o Gato perguntou em voz baixa.

– De jeito nenhum – falou Alice. – É extremamente...

Nesse momento, a menina percebeu que a Rainha estava bem atrás deles, ouvindo a conversa; então, prosseguiu:

– ...provável que ela vença; quase nem vale a pena terminarmos o jogo.

A Rainha sorriu e seguiu em diante.

– Com quem está falando? – perguntou o Rei, dirigindo-se a Alice e olhando para a cabeça do Gato com grande curiosidade.

– É um amigo meu... um Gato de Cheshire – Alice respondeu. – Vou apresentá-los.

– Não gosto nada da aparência dele – disse o Rei. – Mesmo assim, ele pode beijar minha mão, se quiser.

– Prefiro não fazer isso – o Gato falou.

– Não seja impertinente – disse o Rei. – E não me olhe desse jeito! – Ficou atrás de Alice enquanto dizia isso.

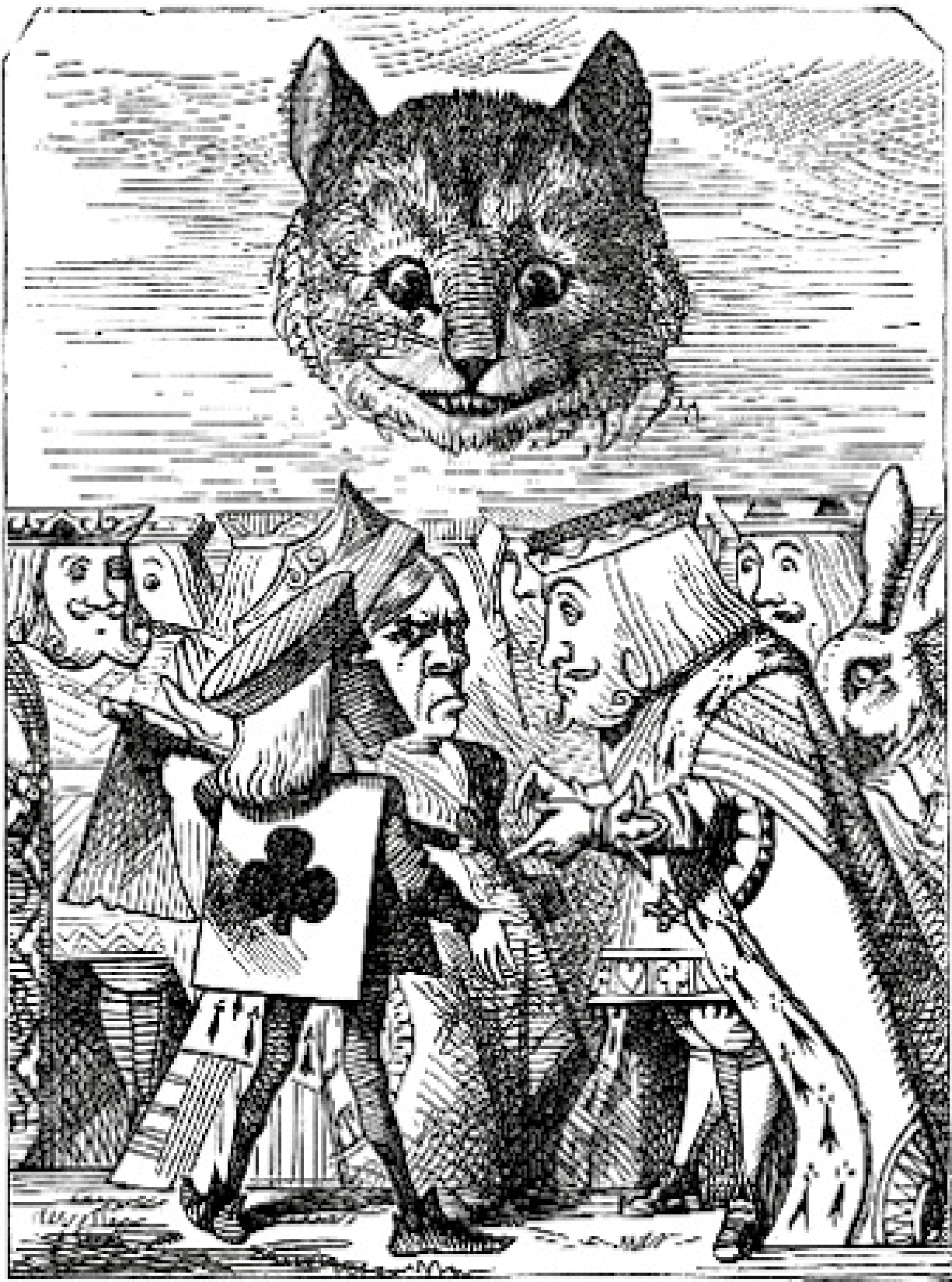
– Um gato pode olhar para um rei – Alice falou. – Li isso em algum livro, mas não lembro qual.

– Bem, ele tem de ser retirado daqui – o Rei falou, muito decidido, e chamou a Rainha, que naquele exato momento estava passando por ali novamente.

– Minha querida! Gostaria que mandasse removerem esse gato!

A Rainha só sabia uma maneira de resolver as dificuldades, fossem elas grandes ou pequenas:

– Cortem a cabeça dele! – ordenou, sem sequer olhar a seu redor.

– Vou pessoalmente buscar o carrasco – o Rei falou, impaciente, e saiu às pressas.

Alice estava pensando em voltar e ver como o jogo estava indo, quando ouviu a Rainha, a distância, berrando vigorosamente. Já tinha escutado a Rainha mandar executar três dos jogadores por terem perdido sua vez, e Alice não estava gostando nada do rumo que as coisas iam tomando, pois o jogo tinha ficado tão confuso que ela nunca sabia se era ou não sua vez. Então, resolveu sair à procura de seu ouriço.

O ouriço estava metido numa briga com outro ouriço, o que pareceu a Alice uma excelente oportunidade para acertar um e outro, mas a única dificuldade era o fato de seu flamingo ter ido para o outro lado do campo, onde tentava desajeitadamente, e em vão, como Alice pôde ver, voar até a copa de uma árvore.

Quando ela conseguiu pegar o flamingo e trazê-lo de volta, a briga já tinha terminado e ambos os ouriços estavam fora do alcance de seus olhos. “Mas isso não tem muita importância”, a menina pensou, “já que todos os arcos saíram deste lado do campo”.

Alice encaixou a ave debaixo do braço, de modo que ela não pudesse escapar de novo, e foi conversar mais um pouco com seu amigo. Quando chegou onde estava o Gato de Cheshire, ficou surpresa, pois encontrou uma multidão ao redor dele. Estava havendo uma disputa entre o carrasco, o Rei e a Rainha, que falavam ao mesmo tempo, enquanto o resto do grupo permanecia em silêncio e todos pareciam bastante ansiosos.

Assim que Alice apareceu, os três pediram para que ela resolvesse a questão. Apresentaram seus argumentos, mas, como estavam falando juntos e ao mesmo tempo, ela achou realmente muito difícil entender exatamente o que diziam.

O argumento do carrasco era que só se pode cortar uma cabeça caso exista um corpo de onde cortá-la. Ele dizia que nunca tinha feito uma coisa dessas antes e que não ia começar a fazer àquela altura da sua vida.

O argumento do rei era que qualquer coisa que tinha uma cabeça poderia ser decapitada, e que aquela discussão era absurda.

O argumento da Rainha era que se não fizessem imediatamente alguma coisa a respeito daquilo, todos ali seriam executados. (Era essa ameaça que tinha feito o resto do grupo parecer tão sério e preocupado.)

Alice não pôde pensar em nada mais para falar a não ser:

– O Gato é da Duquesa. É melhor perguntarem a ela sobre isso.

– Ela está presa – a Rainha falou com o carrasco. – Busque-a!

E o carrasco correu como uma flecha.

A cabeça do Gato começou a sumir assim que o carrasco se afastou e, quando ele voltou com a Duquesa, já tinha desaparecido completamente. O Rei e o carrasco correram, desorientados, para cima e para baixo, procurando a cabeça, e o resto do grupo retornou ao jogo.

CAPÍTULO 9

A HISTÓRIA DA TARTARUGA FALSA

Não pode imaginar como estou contente em vê-la de novo, criança querida! – disse a Duquesa carinhosamente, enquanto as duas saíam andando juntas, braços dados.

Alice estava feliz por encontrá-la tão bem-humorada, e pensou consigo mesma que talvez tivesse sido a pimenta que a tornara tão selvagem quando as duas se conheceram na cozinha.

“Quando eu me tornar uma Duquesa”, pensou (embora em tom não muito esperançoso), “não vou ter absolutamente nenhuma pimenta na minha cozinha. A sopa fica muito boa sem... Talvez seja sempre a pimenta que deixa as pessoas com os nervos esquentados”, concluiu, muito satisfeita por ter descoberto um novo tipo de regra. “E o vinagre as deixa azedas... e a camomila as deixa amargas... e... e o açúcar deixa as crianças doces. Só queria que as pessoas soubessem disso; assim, não seriam tão pães-duros em relação aos doces, não é?”.

A essa altura, tinha esquecido completamente a Duquesa, e se sentiu ligeiramente assustada quando escutou a voz dela perto do seu ouvido.

– Está pensando em alguma coisa, minha querida, e isso a faz se esquecer de falar. Não posso lhe dizer agora qual é a moral disso, mas vou lembrar daqui a pouco.

– Talvez não haja uma moral – Alice se arriscou a sugerir.

– Ora, ora, criança! – disse a Duquesa. – Tudo tem uma moral, basta você encontrá-la – acrescentou e, enquanto falava, se espremeu ao lado de Alice para ficar ainda mais próxima da menina.

Alice não gostou muito de ficar tão perto da Duquesa. Primeiro, porque ela era muito feia; e segundo, porque ela tinha a altura exata para descansar o queixo sobre o ombro de Alice, e era um queixo desconfortavelmente pontudo. Ainda assim, a menina não gostava de ser rude e, portanto, suportou isso tão bem quanto podia.

– O jogo está muito melhor agora – disse, com o intuito de prolongar um pouco a conversa.

– Está mesmo – a Duquesa concordou. – E a moral disso é... Oh!... “É o amor, é o amor que faz o mundo girar!”.

– Alguém disse – Alice sussurrou – que isso acontece quando todo mundo cuida apenas de sua própria vida!

– Ah, bom! É a mesma coisa! – a Duquesa falou, apertando seu pequeno e pontudo queixo contra o ombro de Alice enquanto acrescentava: – E a moral disso é... “Cuide do sentido, e os sons cuidarão de si mesmos”.

“Como ela gosta de achar moral nas coisas!”, Alice pensou.

– Eu diria que está se perguntando por que não ponho meu braço ao redor da sua cintura – a Duquesa falou, após uma pausa. – A razão é que estou com dúvidas a respeito do temperamento do seu flamingo. Devo tentar?

– Ele pode picar – Alice respondeu cautelosamente, não se sentindo nem um pouco ansiosa pela realização da tentativa.

– Grande verdade! – disse a Duquesa. – Tanto os flamingos quanto a mostarda picam. E a moral disso é... “Aves da mesma espécie voam juntas”.

– Só que mostarda não é ave – Alice observou.

– Correto, como sempre – disse a Duquesa. – Que maneira clara você tem de ver as coisas!

– É um mineral, eu acho – falou Alice.

– Claro que é – disse a Duquesa, que parecia pronta para concordar com tudo que Alice falasse. – Tem uma grande mina de mostarda aqui perto. E a moral disso é... “Quanto mais eu tenho, menos sobra pra você”.

– Ah, já sei! – exclamou Alice, que não tinha prestado atenção a esse último comentário. – É um vegetal. Não parece, mas é.

– Concordo plenamente com você – disse a Duquesa. – E a moral disso é... “Seja o que você pareceria ser”... Ou, se prefere simplificar... “Nunca pense que não ser diferente do que pareceria aos outros que você fosse ou poderia não ter sido seja diferente do que você tinha sido e pareceu a eles ser diferente”.

– Acho que eu entenderia isso melhor – Alice falou muito educadamente – se estivesse escrito; não consigo acompanhar enquanto você fala.

– Isso não é nada, perto do que eu poderia dizer, se quisesse – a Duquesa respondeu, com ar de satisfação.

– Por favor, não se dê ao trabalho de dizer isso de uma forma mais longa do que essa – Alice pediu.

– Oh, não fale em trabalho! – disse a Duquesa. – Ofereço tudo o que falei até agora como um presente pra você.

“Um tipo de presente bem barato! Fico contente por não darem presentes como esse nos aniversários!”, Alice pensou, mas não se arriscou a dizer em voz alta.

– Pensando de novo? – a Duquesa perguntou, com mais um aperto de queixo contra o ombro de Alice.

– Tenho direito de pensar – a menina respondeu rispidamente, pois estava começando a ficar preocupada.

– Exatamente o mesmo direito – disse a Duquesa – que os porcos têm de voar; e a mo...

Porém, nesse instante, para grande surpresa de Alice, a voz da Duquesa sumiu, mesmo estando no início de sua palavra favorita, “moral”, e o braço que estava unido ao da menina começou a tremer. Alice levantou os olhos, e lá estava a Rainha, parada em frente a elas, com os braços cruzados e uma expressão furiosa no rosto.

– Belo dia, Vossa Majestade! – a Duquesa começou a falar, com voz baixa e fraca.

– Preste atenção! Vou lhe dar um aviso importante! – a Rainha gritou, batendo o pé no chão enquanto falava – Ou você desaparece daqui neste segundo, ou sua cabeça será cortada! Escolha!

A Duquesa escolheu: foi embora imediatamente.

– Vamos continuar o jogo – a Rainha falou para Alice, que estava amedrontada

demais para dizer qualquer palavra que fosse; apenas a seguiu de volta ao campo de croquet.

Os outros convidados tinham se aproveitado da ausência da Rainha e descansavam na sombra. Entretanto, quando a viram, voltaram correndo para o jogo, enquanto a Rainha simplesmente comentava que um mínimo atraso lhes custaria a vida.

Durante todo o tempo em que jogavam, em nenhum momento a Rainha deixou de brigar com os outros jogadores e gritar: “Cortem a cabeça dele!” ou “Cortem a cabeça dela!”. Os sentenciados ficavam sob a guarda dos soldados, que, logicamente, para isso precisavam deixar de fazer o papel de arcos. Assim, ao final de aproximadamente meia hora, não restava nenhum arco, e todos os jogadores, exceto o Rei, a Rainha e Alice, tinham sido retirados sob a sentença de execução.

Então a Rainha encerrou o jogo, quase sem fôlego, e perguntou a Alice:

– Já viu a Tartaruga Falsa?

– Não – Alice respondeu. – Nem mesmo sei o que é uma Tartaruga Falsa.

– É o que se usa para fazer Sopa de Tartaruga Falsa – disse a Rainha.

– Nunca vi nem ouvi falar de nenhuma.

– Então venha! – a Rainha convidou. – Ela vai contar sua história pra você.

Enquanto saíam andando juntas, Alice ouviu o Rei dizer em voz baixa para o grupo todo:

– Estão todos perdoados.

“Oh, que coisa boa!”, ela pensou, pois tinha ficado muito triste com o grande número de execuções que a Rainha havia ordenado.

Logo, logo, depararam com um grifo dormindo profundamente sob o sol. (Se você não sabe o que é um grifo, olhe a ilustração.)

– Levante-se, coisa preguiçosa! – disse a Rainha. – E leve essa mocinha para ver a Tartaruga Falsa e ouvir sua história. Preciso voltar para cuidar de algumas execuções que ordenei.

E foi embora, deixando Alice a sós com o Grifo. Ela não gostou da aparência daquela criatura, mas, afinal, pensou que seria tão seguro ficar com ela quanto ir atrás daquela Rainha cruel. Portanto, ficou e esperou.

O Grifo se sentou e esfregou os olhos; depois, observou a Rainha até ela desaparecer. Em seguida, deu uma risadinha.

– Que graça! – exclamou o Grifo, em parte para si mesmo, em parte para Alice.

– Qual é a graça? – a menina perguntou.

– Ora, ela! – respondeu o Grifo. – É tudo imaginação dela; eles nunca executam ninguém, entende? Venha!

“Todos aqui dizem: ‘Venha!’”, pensou Alice, enquanto andava lentamente atrás dele. “Nunca recebi tantas ordens em toda a minha vida! Nunca!”

Não tinham ido muito longe quando viram, a certa distância, a Tartaruga Falsa sentada, triste e solitária, sobre uma pedra. À medida que se aproximavam, Alice pôde ouvi-la soluçando, como se seu coração fosse se partir, e sentiu uma profunda pena dela.

– Por que tanta tristeza? – perguntou ao Grifo, que respondeu com quase as mesmas palavras de antes:

– É tudo imaginação dela; não há sofrimento nenhum, entende? Venha!

Então foram até a Tartaruga Falsa, que olhou para eles com olhos grandes e cheios de lágrimas, mas não disse nada.

– Veja essa menina aqui – disse o Grifo. – Ela quer saber sua história, quer sim.

– Vou contar pra ela – falou a Tartaruga Falsa, com um tom triste e grave. – Sentem-se, os dois, e não digam nenhuma palavra até eu terminar.

Sentaram-se e, por alguns minutos, ninguém falou nada. Alice pensou consigo mesma: “Não entendo como pode terminar, se nem mesmo começa”. Mas esperou pacientemente.

– Um dia – falou, finalmente, a Tartaruga Falsa, com um suspiro profundo – já fui uma Tartaruga de verdade.

Essas palavras foram seguidas por um longo silêncio, quebrado apenas por algumas exclamações ocasionais de “Hjckrrh!”, feitas pelo Grifo, e pelos soluços carregados e constantes da Tartaruga Falsa. Alice estava prestes a levantar-se e dizer: “Obrigada, senhora, por querer me contar sua história interessante”, mas não pôde evitar o pensamento de que haveria mais coisa, e, assim, ficou sentada, quieta, sem dizer nada.

– Quando éramos pequenos – a Tartaruga Falsa falou finalmente, mais calma, apesar de continuar soluçando um pouco vez por outra –, íamos à escola no mar. O mestre era uma velha tartaruga... que costumávamos chamar de Tortuga...

– Por que chamavam a tartaruga de Tortuga? – Alice perguntou.

– Porque as aulas dela eram uma verdadeira tortura – respondeu a Tartaruga Falsa, zangada. – Como você é tola, hein?

– Deveria ter vergonha de si mesma, por fazer uma pergunta tão boba – acrescentou o Grifo.

Em seguida, ambos ficaram sentados em silêncio, olhando para Alice, que estava se sentindo pronta para afundar no chão. Por fim, o Grifo falou para a Tartaruga Falsa:

– Continue, minha amiga! Não gaste o dia todo com isso!

E ela prosseguiu:

– Sim, íamos à escola no mar, embora vocês possam não acreditar...

– Nunca falei que não estava acreditando – Alice a interrompeu.

– Sim, falou – disse a Tartaruga Falsa.

– Segure sua língua! – acrescentou o Grifo, antes que Alice pudesse falar de novo.

– Tivemos a melhor das educações... Na verdade, íamos à escola todos os dias...

– Também frequento uma escola todo dia – Alice falou. – Não precisa ficar tão orgulhosa disso.

– Com cursos extras? – perguntou a Tartaruga Falsa, ligeiramente ansiosa.

– Sim – Alice respondeu. – Estamos aprendendo francês e música.

– Aprendem a lavar também?

– Claro que não! – Alice respondeu, indignada.

– Ah! Então sua escola não é realmente boa – disse a Tartaruga Falsa, em tom de grande alívio. – Na nossa escola, havia, no final do currículo: “Francês, música e lavação – Extras”.

– Mas vocês não precisavam disso – falou Alice –, já que moravam no fundo do mar.

– Não tive dinheiro para aprender os “Extras” – a Tartaruga Falsa contou, com um suspiro. – Só fiz o curso regular.

– Quais eram as matérias?

– Pra começar, Feitura e Relação, claro – respondeu a Tartaruga Falsa. – E depois, diferentes ramos da Aritmética... Ambição, Suavização, Desembelezação e Direção.

– Nunca ouvi falar de “desembelezação” – Alice se arriscou a dizer. – O que significa?

O Grifo levantou as duas patas, surpreso.

– O quê?! Não sabe o que é “desembelezar”? – perguntou. – Imagino que saiba o que é embelezar, não sabe?

– Sim – Alice respondeu, hesitante. – Significa... fazer... alguma coisa... ficar... mais bonita.

– Bem, então – o Grifo continuou –, se não sabe o que é “desembelezar”, você é uma pateta.

Como não se sentiu disposta a fazer mais perguntas sobre isso, Alice virou-se para a Tartaruga Falsa e perguntou:

– O que mais teve de aprender?

– Bem, tinha Memória – ela falou, contando as matérias em suas patas. – Memória Antiga e Moderna, além de Marografia; depois, Desgrenho... A professora de Desgrenho era uma enguia idosa que costumava aparecer uma vez

por semana. Ela nos ensinava Desgrenho, Alongamento de Linhas e Desmaio em Caracol.

– Como era esse último? – Alice perguntou.

– Bem, não posso lhe mostrar pessoalmente – a Tartaruga Falsa falou. – Não sou muito flexível. E o Grifo nunca aprendeu.

– Não tive tempo – disse o Grifo. – Mas estudei com o professor de Cursos Clássicos, que era um velho caranguejo; esse, sim, era muito velho.

– Nunca estudei com ele – a Tartaruga Falsa lamentou, com um suspiro. – Costumavam dizer que ele ensinava Esperança e Desapego.

– Era isso mesmo... isso mesmo – disse o Grifo, suspirando também.

E ambas as criaturas esconderam o rosto com as patas.

– Durante quantas horas por dia vocês tinham aulas? – Alice perguntou, ansiosa para mudar o assunto.

– Dez horas no primeiro dia – respondeu a Tartaruga Falsa. – Nove no dia seguinte, e assim por diante.

– Que programa interessante! – Alice exclamou.

– Por isso se chamavam cursos – o Grifo observou. – Ficavam cada dia mais curtos.

Essa era uma ideia completamente nova para Alice. Ela ficou pensando algum tempo, depois fez seu próximo comentário:

– Então o décimo primeiro dia só podia ser um feriado, estou certa?

– Claro que sim – concordou a Tartaruga Falsa.

– E como era no décimo segundo? – Alice estava ansiosa para saber.

– Chega de falar sobre aulas – o Grifo interrompeu, decidido. – Agora diga a ela alguma coisa sobre os jogos.

CAPÍTULO 10

A QUADRILHA DA LAGOSTA

ATartaruga Falsa suspirou profundamente e esfregou os olhos com uma das patas. Olhou para Alice e tentou falar, mas, por um ou dois minutos, os soluços sufocaram sua voz.

– É como se ela tivesse um osso atravessado na garganta – o Grifo falou e começou a sacudi-la e a dar socos nas costas dela.

Finalmente, a Tartaruga Falsa recuperou a voz e, com lágrimas rolando pelo o rosto, continuou:

– Talvez você não tenha vivido muito no fundo do mar...

– Não vivi – Alice falou.

– E talvez nunca tenha sido apresentada a uma lagosta...

Alice começou a falar:

– Uma vez experimentei...

Mas corrigiu-se apressadamente:

– Não, nunca.

– Então não imagina que coisa incrível é a Quadrilha da Lagosta.

– Não mesmo – Alice concordou. – Que tipo de dança é?

– Ora! – disse o Grifo. – Primeiro, forma-se uma fila ao longo da praia...

– Duas filas! – gritou a Tartaruga Falsa. – Focas, tartarugas, salmões, e assim por diante. Depois, claro, de terem sido retiradas do caminho todas as águas-vivas...

– O que geralmente toma algum tempo – o Grifo interrompeu.

– Então, todos avançam dois passos...

– Cada um com uma lagosta como seu par! – gritou o Grifo.

– Isso! – a Tartaruga Falsa falou. – Todos avançam dois passos, em pares...

– Então, troca-se de lagostas e todos retornam, na mesma ordem – continuou o Grifo.

– Em seguida – a Tartaruga Falsa prosseguiu –, é hora de jogar...

– ...as lagostas!... – berrou o Grifo, dando um salto no ar.

– ...no mar... O mais longe possível...

– ...e nadar em direção a elas! – gritou o Grifo.

– Então, todos dão uma cambalhota no mar! – gritou a Tartaruga Falsa, saltando bruscamente de um lado para o outro.

– Depois, têm de trocar de lagosta mais uma vez! – berrou o Grifo, o mais alto que pôde.

– E todos voltam para a praia. Esse é o fim da primeira parte – falou a Tartaruga Falsa, baixando subitamente o tom de voz.

As duas criaturas, que o tempo todo pulavam para lá e para cá como loucas, se sentaram novamente, muito tristes e caladas, e olharam para Alice.

– Deve ser uma dança muito bonita – a menina falou timidamente.

– Gostaria de ver um pouco dela? – a Tartaruga Falsa perguntou.

– Gostaria muito! De verdade! – Alice respondeu.

– Venha, vamos tentar fazer a primeira parte! – a Tartaruga Falsa falou com o Grifo. – Podemos fazer sem as lagostas, não é? Quem vai cantar?

– Oh, você canta – disse o Grifo. – Esqueci a letra.

Os dois começaram a dançar solenemente ao redor de Alice, pisando ocasionalmente no pé dela, quando chegavam perto demais, e balançando as patas dianteiras para marcar o tempo. Enquanto dançavam, a Tartaruga Falsa cantava, muito devagar e em tom melancólico:

“Pode andar mais rapidinho?”, pediu o badejo-branco ao caramujo

“Atrás de nós tem uma truta, nosso nome vai ficar sujo

Olhe aquela tartaruga, veja só como ela avança!

Todos já estão na praia… Você vai entrar na dança?

Vai, não vai, vai, não vai, você vai entrar na dança?

Vai, não vai, vai, não vai, vai ou não entrar na dança?

“Isso vai ser muito bom! Pense em quanto vai gostar!

Saiba que, com as lagostas, no mar vão nos lançar!”

“Longe demais!”, disse o caramujo, com desconfiança...

Muito gentilmente agradeceu, mas não quis entrar na dança.

Não queria, não podia, não queria, não podia entrar na dança.

Não queria, não podia, não queria, nem podia entrar na dança.

“Que importa a distância?”, insistiu o amigo, inconformado.

“Há muitas outras praias, você sabe, estão lá no outro lado.

Quanto mais longe daqui, mais perto está a França...

Fique esperto, caramujo, e queira entrar na dança!

Vai, não vai, vai, não vai, você vai entrar na dança?

Vai, não vai, vai, não vai, vai ou não entrar na dança?”

– Obrigada! É uma quadrilha bastante interessante de assistir – Alice falou, sentindo-se muito aliviada porque a dança finalmente tinha terminado. – E gostei muito também da bonita música sobre o caramujo e o badejo-branco!

– Oh, os badejos-brancos! – disse a Tartaruga Falsa. – Eles... Você já viu badejos-brancos, é claro?!

– Sim – Alice respondeu. – Vejo frequentemente no jan... – calou-se de repente.

– Não sei onde fica o Jan – disse a Tartaruga Falsa –, mas se os vê tão frequentemente, é claro que sabe como é a aparência deles.

– Acho que sei – Alice falou, pensativa. – Eles têm a cauda na boca... e estão sempre cobertos com farinha de pão.

– Está enganada em relação à farinha de pão – disse a Tartaruga Falsa. – Ela se desprenderia e desmancharia na água. Mas eles têm mesmo a cauda na boca; e a razão disso é... – Nesse instante, a Tartaruga Falsa bocejou e fechou os olhos. – Conte para ela a razão disso e tudo mais – falou com o Grifo.

– A razão é – o Grifo explicou – que eles queriam ir com as lagostas para a dança. Então foram jogados no mar. Então ficaram caindo por muito tempo. Então prenderam suas caudas dentro da boca. Então não conseguiram tirá-las de novo. É isso.

– Obrigada! – Alice falou. – É tudo muito interessante. Eu nunca soube tanto sobre badejos-brancos como agora.

– Posso lhe contar mais ainda, se quiser – disse o Grifo. – Sabe por que eles são chamados de badejos-brancos?

– Nunca pensei nisso. Por quê?

– Eles lustram todos os nossos sapatos e botas brancos – o Grifo respondeu, solene.

Alice ficou inteiramente confusa. – Lustram sapatos e botas brancos?! – repetiu, num tom reflexivo.

– Ora, com que seus sapatos e botas brancos são lustrados? – perguntou o Grifo. – Isto é, o que faz com que fiquem brilhantes?

A menina olhou para os próprios pés e pensou um pouco antes de responder.

– São lustrados com graxa e escova, acho.

– No fundo do mar, sapatos e botas brancos – o Grifo continuou, com voz grave

– são lustrados com badejos-brancos. Agora já sabe.

– E de que as botas e os sapatos brancos são feitos? –Alice perguntou, com tom de grande curiosidade.

– De linguados. E os cadarços são de enguias, é lógico – o Grifo respondeu, com certa impaciência. – Qualquer camarão saberia lhe dizer isso.

– Pode me explicar por que o badejo-branco – falou Alice, cujos pensamentos ainda estavam presos à música – não queria ficar perto da truta?

– Nenhum peixe sensato quer ser visto com as trutas – a Tartaruga Falsa explicou.

– Não?! – Alice exclamou, muito admirada.

– Claro que não – falou a Tartaruga Falsa. – Ora, se um peixe é visto nadando perto de uma truta, logo todos começam a comentar que ele ficou bitruta.

– Não quis dizer “biruta”? – Alice perguntou.

– O que eu digo é exatamente o que quero dizer – a Tartaruga Falsa respondeu, ofendida.

E, olhando para Alice, o Grifo sugeriu:

– Vamos ouvir algumas das suas aventuras.

– Eu poderia lhes contar minhas aventuras... começando por hoje de manhã – Alice falou um pouco timidamente. – Mesmo porque é inútil voltar a ontem, já que eu era uma pessoa diferente da que sou agora.

– Explique isso direito – disse a Tartaruga Falsa.

– Não, não! As aventuras, primeiro – disse o Grifo, impaciente. – Explicações tomam um tempo danado.

Então, Alice começou a contar suas aventuras a partir do momento em que viu o Coelho Branco pela primeira vez. No começo, ficou um pouco nervosa, pois as duas criaturas estavam realmente muito perto dela, uma de cada lado, com os

olhos arregalados e a boca aberta; mas ganhou coragem à medida que ia falando. Seus ouvintes ficaram calmos e silenciosos até a parte em que ela tinha tentado recitar “Você está velho, pai Guilherme” para a Lagarta, e todas as palavras tinham saído diferentes. Nesse momento, a Tartaruga Falsa respirou profundamente e disse:

– Isso é muito curioso.

– A história toda é tão curiosa quanto poderia ser – falou o Grifo.

– Todas as palavras saíram diferentes?! – a Tartaruga Falsa repetiu, pensativa. – Gostaria que tentasse recitar alguma coisa agora. Diga a ela pra começar. – E olhou para o Grifo, como se este tivesse algum tipo de autoridade sobre Alice.

– Levante-se e recite “Era a voz da Lagosta” – disse o Grifo.

“Como essas criaturas gostam de dar ordens, e de fazer a gente recitar coisas!”, Alice pensou. “Parece até que estou na escola.” Apesar disso, levantou-se e começou a recitar, mas sua mente estava tão ocupada com a Quadrilha da Lagosta que mal sabia o que estava dizendo, e as palavras saíram realmente muito estranhas:

Era a voz da Lagosta, e eu ouvi quando ela declarou:

“Você me esqueceu no forno, meu corpo todo torrou”.

Como o pato faz com os olhos, ela faz com o nariz,

ajeita o cinto e os botões, e parece até feliz.

Se as areias estão secas, ela canta como a cotovia,

e fala do tubarão com desdém e ironia.

No entanto, se a maré sobe e o tubarão está ao redor,

some toda a zombaria, pois o medo é bem maior.

– É diferente daquilo que eu costumava recitar quando criança – falou o Grifo.

– Bem, eu nunca ouvi isso antes – disse a Tartaruga Falsa. – Mas parece um

grande absurdo.

Alice não falou nada. Estava sentada, com as mãos no rosto, se perguntando se algum dia as coisas voltariam ao normal.

– Gostaria de ter uma explicação sobre isso – disse a Tartaruga Falsa.

– Ela não sabe explicar – o Grifo falou apressadamente.

– O nariz... – a Tartaruga Falsa insistiu. – Como ela pode ajeitar o cinto e os botões com o nariz?

– É o primeiro passo da dança – Alice falou; mas estava terrivelmente confusa com aquilo tudo e desejou mudar o assunto.

– Continue! Recite a próxima estrofe. – E o Grifo recitou o primeiro verso, impaciente: – Começa assim: “Passando pelo jardim eu vi”.

Alice não ousou desobedecer, embora tivesse a certeza de que ia sair tudo errado. Continuou, então, com a voz trêmula:

Passei pelo jardim e vi perto da horta

a Coruja e a Pantera dividindo uma torta.

A Pantera comia a massa e o recheio de carne macia.

Pra Coruja, sobrou apenas o prato de vidro da iguaria.

Quando a torta acabou, a Coruja, pra ter um bônus sequer,

teve a gentil permissão da Pantera

pra levar uma colher.

Então, pegando o resto do talher e

com um rugido horroroso,

a Pantera encerrou o banquete sem...

– Pra que ficar recitando isso – a Tartaruga Falsa interrompeu –, se você não explica enquanto fala? É, sem dúvida, a coisa mais confusa que já ouvi!

– É, acho melhor você parar – o Grifo falou para Alice, que, por sua vez, ficou muito contente em fazer isso.

– Vamos tentar mais uma parte da Quadrilha da Lagosta? – o Grifo sugeriu. – Ou prefere que a Tartaruga Falsa cante uma música pra você?

– Oh, uma música, por favor, se a Tartaruga Falsa quiser nos dar este prazer – Alice respondeu tão ansiosamente que o Grifo disse, bastante ofendido:

– Ora, gosto não se discute! Cante “Sopa de Tartaruga” pra ela. Pode fazer isso, amiga?

A Tartaruga Falsa suspirou profundamente e começou a cantar, com a voz entrecortada por soluços:

Sopa bonita, que enorme tentação!

Tão verde e quente, no seu caldeirão.

Quem não se humilha diante dessa maravilha?

Sopa da noite, sopa bonita!

Sopa da noite, sopa bonita!

So… ooopa bo…niiita!

So… ooopa bo…niiita!

So… ooopa da no... iii... te!

Sopa, sopa bonita!

Sopa bonita! Quem liga pra peixe nessa vida,

bolo, carne, doce ou qualquer outra comida?

Quem não trocaria um monte de batata frita

por um pouquinho dessa sopa bonita?

Só um pouquinho dessa sopa bonita?

So… ooopa bo…niiita!

So… ooopa bo…niiita!

So… ooopa da no... iii... te!

Sopa, so...PA BONITA!

– Refrão de novo! – pediu o Grifo; e a Tartaruga Falsa tinha acabado de começar a recitar novamente, quando ouviram um grito a distância:

– O julgamento está começando!

– Venha! – o Grifo berrou e, pegando Alice pela mão, saiu às pressas, sem esperar pelo final da canção.

– Que julgamento é esse? – Alice perguntou, ofegante, enquanto corria. Mas o Grifo apenas disse:

– Venha!

E correu ainda mais depressa, enquanto os dois escutavam, cada vez mais distantes e trazidas pela brisa que os seguia, as tristes palavras:

So… ooopa da no... iii... te!

Sopa, sopa bonita!

CAPÍTULO 11

QUEM ROUBOU AS TORTAS?

Quando eles chegaram, o Rei e a Rainha de Copas estavam sentados em seus tronos. Havia uma grande multidão ao redor: todo tipo de pequenos pássaros e animais, assim como o baralho completo. O Valete estava de pé diante deles, acorrentado, com um soldado de cada lado para vigiá-lo. Perto do Rei, estava o Coelho Branco, com uma trombeta em uma das mãos e um rolo de pergaminho na outra. Bem no meio do tribunal havia uma mesa e, sobre ela, uma grande travessa com tortas; eram tão bonitas que, só de olhar, Alice sentiu fome. "Queria que concluíssem logo esse julgamento", pensou, "e distribuíssem os refrescos!". Mas parecia não haver nenhuma chance de isso acontecer e, portanto, para passar o tempo, ela começou a observar atentamente tudo que estava ao seu redor.

Alice nunca tinha ido a um tribunal de justiça antes, mas já havia lido sobre eles em livros, e estava muito satisfeita por saber o nome de quase tudo ali. "Aquele é o juiz", pensou. "Sei que é por causa da peruca grande."

A propósito, o juiz era o Rei; e como ele usava a coroa sobre a peruca (veja a página 7, se quiser saber como ele fez isso), não parecia estar nem um pouco confortável e, claro, não poderia mesmo estar.

"E aquilo ali é a bancada do júri", Alice continuou; "e suponho que aquelas doze criaturas" (foi obrigada a usar a palavra "criaturas" porque algumas eram animais e outras eram pássaros) "são os jurados". Repetiu essa última palavra duas ou três vezes para si mesma, bastante orgulhosa disso, pois imaginou, e com razão, que muito poucas meninas da sua idade sabiam o significado daquilo tudo. E pensou ainda que se tivesse usado "integrantes do júri", estaria correto também.

Os doze jurados estavam muito ocupados escrevendo em suas lousas.

– O que estão fazendo? – ela sussurrou para o Grifo. – Não podem ter nada pra escrever ainda, pois o julgamento nem começou.

– Estão escrevendo seus nomes – o Grifo sussurrou como resposta. – Têm medo de esquecer antes do final do julgamento.

– Seres estúpidos! – Indignada, a menina começou a falar em voz alta, mas logo parou, porque o Coelho Branco gritou:

– Silêncio no tribunal!

Além disso, o Rei pôs os óculos e olhou ao redor, ansioso para saber quem estava falando.

Alice pôde ver, tão bem como se estivesse olhando por cima dos ombros deles, que todos os jurados estavam escrevendo nas lousas “Seres estúpidos!”; deu até para perceber que um deles não sabia soletrar “estúpidos” e teve de pedir ao vizinho que lhe ensinasse. “Uma bela bagunça é o que vai ter nas lousas deles antes do final do julgamento!”, Alice pensou.

Um dos jurados tinha um giz que chiava. Isso, claro, ela não pôde suportar. Então, deu a volta na sala, ficou atrás dele e logo encontrou uma oportunidade para pegar o giz. Fez isso tão rapidamente que o pobre jurado (era Bill, o Lagarto) não se deu conta do que tinha sido feito do giz; assim, depois de procurar bastante, foi obrigado a escrever com o dedo pelo resto do dia, o que era certamente inútil, pois o dedo não deixava marca nenhuma na lousa.

– Arauto, leia a acusação! – disse o Rei.

Nesse momento, o Coelho Branco deu três toques na trombeta, desenrolou o pergaminho e leu o seguinte:

A Rainha de Copas fez algumas tortas

em um belo dia de outono.

O Valete de copas roubou as tortas

e levou pra bem longe do trono!

– Declarem seu veredito! – o Rei falou para o júri.

– Ainda não! Ainda não! – o Coelho interrompeu apressadamente. – Muita coisa deve acontecer antes disso!

– Chame a primeira testemunha – o Rei ordenou. E o Coelho Branco deu três toques na trombeta e exclamou:

– Primeira testemunha!

A primeira testemunha era o Chapeleiro. Ele veio com uma xícara de chá em uma das mãos e um pedaço de pão com manteiga na outra.

– Perdoe-me, Vossa Majestade – falou –, por entrar aqui com estas coisas, mas ainda não tinha acabado meu chá quando fui convocado.

– Tinha de ter acabado – disse o Rei. – Quando começou?

O Chapeleiro olhou para a Lebre de Março, que tinha ido com ele para o tribunal, de braços dados com o Esquilo.

– Acho que foi no dia 14 de março.

– 15 – falou a Lebre de Março.

– 16 – o Esquilo corrigiu.

– Anotem isso – o Rei ordenou aos jurados, que escreveram ansiosamente as três datas nas lousas, depois as somaram e converteram a resposta em um valor em dinheiro.

– Tire seu chapéu – o Rei falou com o Chapeleiro.

– Não é meu – ele afirmou.

– Roubado! – o Rei exclamou, virando-se para o júri, que imediatamente fez um registro do fato.

In this Style
10/6

– Uso os chapéus pra vendê-los – o Chapeleiro acrescentou, tentando explicar. – Não tenho nenhum que seja realmente meu. Sou um chapeleiro.

A Rainha pôs seus óculos e passou a encarar o Chapeleiro, que ficou pálido e inquieto.

– Faça seu depoimento – disse o Rei – e não fique nervoso, ou mandarei executá-lo imediatamente.

Isso não pareceu acalmar nem um pouco a testemunha: o Chapeleiro se apoiava cada vez num pé, olhando agitadamente para a Rainha, e, nessa inquietação, arrancou com os dentes um pedaço da xícara, em vez de morder o pão com manteiga.

Exatamente nesse momento, Alice teve uma sensação muito esquisita que a deixou realmente confusa, até que entendeu o que era: estava começando a crescer de novo, logo decidiu levantar-se e sair do tribunal; no entanto, pensando bem, resolveu permanecer onde estava enquanto houvesse espaço para ela.

– Gostaria que não me apertasse tanto – falou o Esquilo, que estava sentado ao seu lado.

– Não posso evitar – Alice falou docilmente.

– Não tem o direito de crescer aqui – disse o Esquilo.

– Não diga bobagens – falou Alice, mais valente. – Sabe que está crescendo também.

– Sim, mas estou crescendo num ritmo razoável – disse o Esquilo. – E não dessa maneira ridícula.

Dizendo isso, ele se levantou, muito mal-humorado, e foi para o outro lado do tribunal.

Por todo esse tempo, a Rainha não deixou de encarar o Chapeleiro nem um segundo, e logo que o Esquilo atravessou o tribunal, ela ordenou a um dos soldados:

– Traga-me a lista dos cantores do último concerto!

Ao ouvir isso, o pobre Chapeleiro tremeu tanto que seus sapatos voaram para fora dos pés.

– Dê seu depoimento – o Rei repetiu, zangado –, ou mando executá-lo, estando você nervoso ou não.

– Sou um pobre homem, Vossa Majestade – o Chapeleiro começou a falar, com voz trêmula. – Não tinha começado meu chá... até aproximadamente uma semana... e o pão com manteiga foi ficando tão fino... e o brilho do chá...

– O brilho de quê?

– Do chá! Estava começando a cegar... – o Chapeleiro respondeu.

– Claro que “chá” começa com CH! – o Rei interrompeu rispidamente. – Acha que sou um ignorante? Prossiga!

– Sou um pobre homem – o Chapeleiro continuou –, e a maioria das coisas brilhavam depois daquilo... Só que a Lebre de Março falou que...

– Não falei! – a Lebre de Março afirmou, apressada.

– Falou, sim! – disse o Chapeleiro.

– Eu nego isso! – disse a Lebre de Março.

– Ela nega isso – disse o Rei. – Vamos deixar essa parte de lado.

– Bem, de qualquer modo, o Esquilo disse que... – o Chapeleiro continuou, olhando ansiosamente à sua volta para ver se ele ia negar também; mas o Esquilo não negou nada, pois estava dormindo profundamente.

– Depois disso, cortei mais um pouco de pão com manteiga...

– Mas o que foi que o Esquilo disse? – perguntou um dos jurados.

– Não consigo lembrar – o Chapeleiro respondeu.

– Você tem de lembrar – observou o Rei. – Senão mandarei executá-lo.

O infeliz Chapeleiro largou a xícara de chá e o pão com manteiga e se apoiou sobre um dos joelhos.

– Sou um pobre homem, Vossa Majestade – começou a falar.

– Muito pobre é sua habilidade pra falar – disse o Rei.

Nesse momento, um dos porquinhos-da-índia aplaudiu e foi imediatamente sufocado pelos soldados do tribunal. (Como “sufocar” é uma palavra dura, vou explicar para você como fizeram. Eles jogaram o porquinho-da-índia, de cabeça para baixo, dentro de um grande saco de lona e, depois de amarrar a boca do saco, sentaram-se em cima dele.)

“Foi bom ver isso sendo feito”, pensou Alice. “Li muitas vezes no jornal que, no fim do julgamento, ‘houve tentativas de aplauso imediatamente sufocadas pelos soldados do tribunal’, mas até hoje nunca tinha entendido o que isso significava.”

– Se é tudo o que sabe sobre o caso, pode descer – o Rei continuou.

– Não posso descer mais – falou o Chapeleiro. – Já estou no chão, como pode ver.

– Então pode sentar-se – o Rei respondeu.

Nesse ponto, o outro porquinho-da-índia aplaudiu e também foi sufocado.

“Bem, agora não há mais porquinhos-da-índia!”, Alice pensou. “Podemos prosseguir de um jeito melhor.”

– Prefiro terminar meu chá – disse o Chapeleiro, olhando ansiosamente para a Rainha, que estava lendo a lista de cantores.

– Pode ir embora, então – o Rei autorizou, e o Chapeleiro saiu do tribunal às pressas, sem sequer calçar ou pegar os sapatos.

– E cortem a cabeça dele lá fora – a Rainha acrescentou, dirigindo-se a um dos soldados, mas o Chapeleiro já estava bem longe antes mesmo que o soldado pudesse chegar perto da porta.

– Chame a próxima testemunha! – disse o Rei.

A próxima testemunha era a cozinheira da Duquesa. Ela trazia nas mãos o vidro de pimenta, e Alice adivinhou quem era antes mesmo que ela entrasse no tribunal, simplesmente porque as pessoas que estavam perto da porta logo começaram a espirrar.

– Dê seu depoimento – o Rei ordenou.

– Não dou – respondeu a cozinheira.

O Rei olhou ansiosamente para o Coelho Branco, que disse em voz baixa:

– Vossa Majestade deve interrogar minuciosamente essa testemunha.

– Bem, se devo, então devo – o Rei falou, com ar de tristeza, e, depois de cruzar os braços e fechar a cara para a cozinheira até que seus olhos quase não pudessem ser vistos, perguntou com voz séria e grave:

– De que são feitas as tortas?

– Pimenta, principalmente – ela respondeu.

– Melado – disse uma voz sonolenta atrás dela.

– Prendam esse Esquilo! – a Rainha berrou. – Cortem a cabeça desse Esquilo! Expulsem do tribunal! Sufoquem! Belisquem! Arranquem seus bigodes!

Por alguns minutos, todo o tribunal ficou uma grande confusão, enquanto levavam o Esquilo embora. Quando finalmente todos retomaram seus lugares, a cozinheira havia desaparecido.

– Esqueçam! – disse o Rei, com ar de grande alívio. – Chame a próxima testemunha!

E acrescentou, num tom mais baixo, dirigindo-se à Rainha:

– Francamente, minha querida, você deve interrogar a próxima testemunha. Isso está me dando dor na testa!

Alice observou o Coelho Branco atrapalhar-se com a lista; estava muito curiosa para saber como seria com a próxima testemunha, “pois, afinal, não conseguiram nenhuma prova até agora”, pensou. Imagine sua surpresa quando o Coelho Branco leu, com a voz mais alta e estridente que pôde:

– Alice!

CAPÍTULO 12

O DEPOIMENTO DE ALICE

Aqui! – Alice gritou, esquecendo completamente, no nervosismo do momento, o quanto tinha crescido nos últimos minutos. Ela deu um pulo com tanta pressa que derrubou a bancada do júri com a ponta da saia, jogando todos os jurados sobre as cabeças da multidão lá embaixo, e lá eles ficaram, estendidos e perplexos, o que fez Alice lembrar bem de um aquário de peixinhos dourados que ela tinha virado acidentalmente na semana anterior.

– Oh, por favor, me perdoem! – ela exclamou, com tom de grande pesar, e se pôs a catá-los o mais rápido possível, pois o acidente com os peixinhos dourados não saía mais do seu pensamento, e ela tinha uma vaga impressão de que, se os jurados não fossem recolhidos imediatamente e recolocados na bancada, morreriam.

– O julgamento não pode continuar – disse o Rei, com voz muito grave – enquanto todos os jurados não estiverem de volta aos seus devidos lugares... todos! – ele repetiu com grande ênfase, olhando zangado para Alice enquanto falava.

Alice olhou para a bancada do júri e percebeu que, na pressa, tinha posto o Lagarto de cabeça para baixo, e o coitado estava abanando a cauda tristemente, incapaz de se mover. Ela o pegou rapidamente e colocou na posição certa. “Não que isso faça muita diferença”, pensou consigo mesma. “Acho que, estando de um jeito ou de outro, sua utilidade no julgamento será exatamente a mesma.”

Assim que os jurados se recuperaram um pouco do choque da queda, e que suas lousas e gizes foram encontrados e devolvidos, eles se concentraram no relato escrito da história do acidente; isto é, todos, exceto o Lagarto, que parecia abalado demais para fazer qualquer coisa que não fosse ficar sentado com a boca aberta, olhando fixamente para o teto.

– O que sabe sobre este caso? – o Rei perguntou a Alice.

– Nada – ela respondeu.

– Absolutamente nada? – o Rei insistiu.

– Absolutamente nada – Alice confirmou.

– Isso tem de ser considerado – o Rei falou, dirigindo-se aos jurados.

No entanto, quando eles estavam começando a escrever isso nas suas lousas, o Coelho Branco interrompeu:

– Vossa Majestade quis dizer desconsiderado, é claro – falou num tom muito respeitoso, mas franzindo a testa e fazendo caretas para o Rei enquanto falava.

– Desconsiderado, claro, foi o que eu quis dizer – o Rei falou, imediatamente, e continuou, murmurando para si mesmo: – Considerado... Desconsiderado... Desconsiderado... Considerado –, como se estivesse testando qual palavra soava melhor.

Alguns integrantes do júri escreveram “Considerado”, outros, “Desconsiderado”. Alice pôde ver isso, já que estava suficientemente perto para enxergar as lousas; “mas isso não tem nenhuma importância”, pensou.

Nesse momento, o Rei, que tinha ficado algum tempo ocupado em escrever no seu caderno, gritou:

– Silêncio!

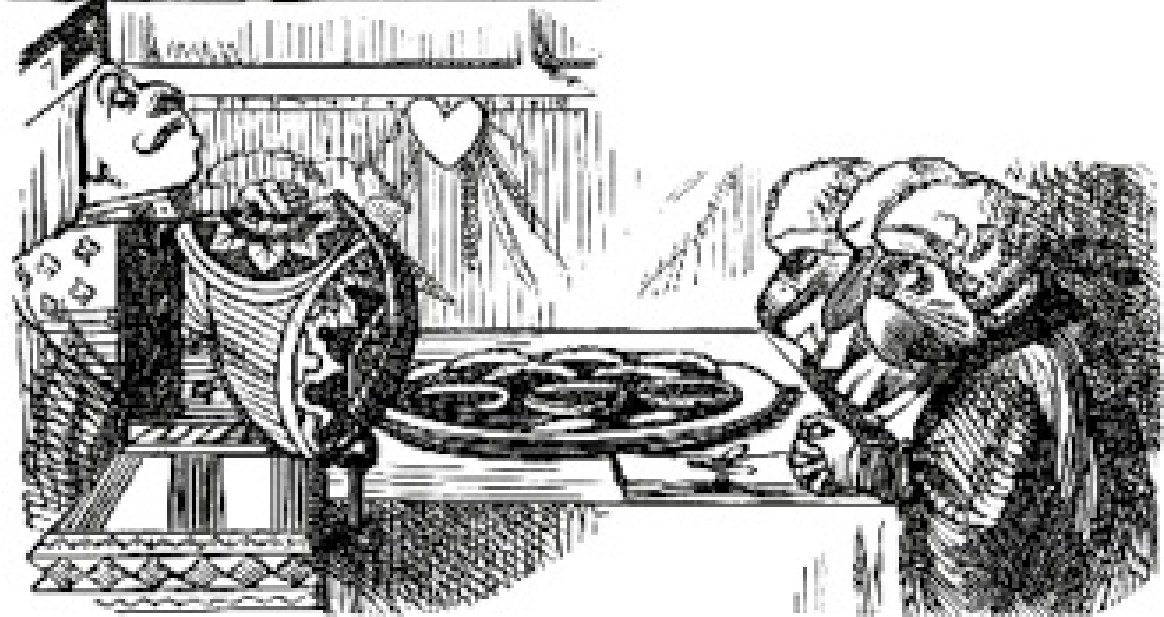
Em seguida, olhou para o caderno e leu, em alto e bom som:

– Regra Número Quarenta e Dois: Todas as pessoas com mais de um quilômetro e meio de altura devem sair do tribunal.

Todos olharam para Alice.

– Não tenho mais de um quilômetro e meio de altura – Alice protestou.

– Tem sim – disse o Rei.

– Tem quase três quilômetros – a Rainha acrescentou.

– Bem, de qualquer modo, não vou sair – Alice afirmou. – Além disso, essa regra não é válida; acabou de ser inventada.

– É a regra mais antiga do livro – declarou o Rei.

– Então teria de ser a Regra Número Um – Alice falou.

O Rei ficou pálido e fechou seu caderno apressadamente.

– Declarem seu veredito – ordenou ao júri, com voz baixa e trêmula.

– Por favor, Vossa Majestade, ainda há provas a serem consideradas! – exclamou ansiosamente o Coelho Branco, dando um salto. – Esse documento acaba de ser encontrado!

– O que tem nele? – a Rainha quis saber.

– Ainda não vi – disse o Coelho Branco –, mas parece uma carta escrita pelo prisioneiro para... para alguém.

– Só pode ser isso – disse o Rei. – A não ser que a carta tenha sido escrita para ninguém, o que é pouco provável, não é?

– Quem é o destinatário? – perguntou um dos jurados.

– Não há destinatário nenhum – falou o Coelho Branco. – Na verdade, não tem nada escrito no lado de fora.

Enquanto falava, ele desdobrou os papéis e acrescentou, logo depois:

– Afinal, não é uma carta. É um conjunto de versos.

– Estão escritos com a letra do prisioneiro? – outro jurado perguntou.

– Não, não estão – o Coelho Branco respondeu. – E essa é a coisa mais estranha em relação a esses versos.

(Todos os jurados pareceram bastante confusos.)

– Ele deve ter imitado a letra de alguém – o Rei concluiu.

(Todos os jurados ficaram muito interessados de novo.)

– Por favor, Vossa Majestade – o Valete se defendeu. – Não escrevi esses versos, e ninguém pode provar que fui eu; não tem uma assinatura no final.

– Se você não assinou – disse o Rei –, isso só piora as coisas. É sinal de que com certeza estava mal-intencionado. Caso contrário, teria assinado seu nome, como fazem os homens honestos.

Todos bateram palmas nessa hora. Era a primeira coisa inteligente que o Rei tinha dito naquele dia.

– Isso prova que ele é culpado – disse a Rainha.

– Não prova coisa nenhuma desse tipo! – foi a vez de Alice falar. – Ora, nem mesmo sabem sobre o que são os versos!

– Leia-os – o Rei ordenou.

O Coelho Branco pôs os óculos.

– Por onde devo começar, por favor, Vossa Majestade? – perguntou.

– Comece pelo começo – o Rei respondeu, muito sério. – E continue até chegar ao final; então, pare.

Estes são os versos que o Coelho Branco leu:

Me disseram que você a procurou

e de mim pra ele foi falar.

Meu bom caráter sei que citou

Mas disse que não sei nadar.

Anunciaram que eu não tinha ido

(Sabemos aqui que é verdade);

se mais persistente ela tivesse sido,

o que ia ser dessa amizade?

Dei pra ela uma, pra ele deram duas,

umas três ou quatro você nos cedeu.

Depois pegou todas e disse que eram suas

e ainda nega que antes era tudo meu

Se eu, você ou ele pudéssemos estar

envolvidos ou não nessa questão,

que você os libertasse ele iria suplicar

pois não quer vê-los mofando na prisão.

Pensei que ele havia criado

(antes de ela surtar)

um problema que teria ficado

entre nós, só naquele lugar.

Ele não pode saber que ela os escolheu,

pois isso será um segredo sempre guardado,

com sete mil chaves, só entre você e eu,

e a ninguém deverá, jamais, ser revelado.

– Esse é o depoimento mais considerável que já ouvimos até agora – disse o Rei, esfregando as mãos. – Portanto agora os jurados devem...

– Se algum deles puder explicar tudo isso – Alice interrompeu o monarca. (Tinha crescido tanto nos últimos minutos que não sentiu nem um pouco de medo de se intrometer.) –, eu lhe darei algum dinheiro. Pessoalmente, não creio que haja um mínimo de sentido nesses versos.

Todo o júri escreveu em suas lousas: “Pessoalmente, ela não crê que haja um mínimo de sentido nesses versos”. Mas ninguém tentou explicá-los.

– Se não têm sentido nenhum – disse o Rei –, isso nos livra de um grande problema, já que não precisamos tentar achar algum sentido. Ainda assim, não estou muito seguro disso – prosseguiu, pondo os versos sobre os joelhos e olhando para eles com um olho apenas. – Acho que vejo algum sentido sim, afinal de contas... “disse que não sei nadar”… Você não sabe nadar, sabe? – falou, virando-se para o Valete.

O Valete balançou a cabeça tristemente.

– Parece que sei? – perguntou. (Certamente, não parecia, já que ele era todo feito de papelão.)

– Até agora, estamos indo bem – o Rei declarou, e prosseguiu murmurando os versos para si mesmo: – “Sabemos aqui que é verdade”... Isso se refere aos jurados, claro... “Dei pra ela uma, pra ele deram duas”... Ora, isso deve ser o que ele fez com as tortas, só pode ser…

– Mas pensem no que vem em seguida: “Depois pegou todas e disse que eram suas” – Alice protestou.

– Ora, e aí estão elas! – disse o Rei, triunfante, apontando para as tortas sobre a mesa. – Nada pode estar mais claro que isso. E tem mais: “Antes de ela surtar”… Acho que você nunca surtou, minha querida, já? – perguntou à Rainha.

– Nunca! – ela respondeu, furiosa, atirando um tinteiro no Lagarto, enquanto falava. (O pobre pequeno Bill tinha parado de escrever na lousa com um dedo, desde que notou que não estava deixando nenhuma marca; mas naquele momento começou de novo, apressadamente, usando a tinta que escorria sobre seu rosto, e ficou escrevendo enquanto ela durou.)

– Isso mostra que foi ele quem furtou – concluiu o Rei, olhando ao redor do tribunal e sorrindo.

Houve silêncio absoluto.

– Era pra ser um trocadilho! – o Rei então acrescentou, fazendo-se de ofendido, e todos riram. – O júri deve declarar seu veredito – ordenou em seguida,

provavelmente pela vigésima vez naquele dia.

– Não! Não! – protestou a Rainha. – Primeiro a sentença... Depois o veredito!

– Grande bobagem! – Alice falou alto. – Que ideia absurda é essa de apresentar a sentença antes do veredito?

– Cale a boca! – a Rainha gritou, roxa de raiva.

– Não vou calar não! – Alice respondeu.

– Cortem a cabeça dela! – a Rainha berrou, agora com todas as suas forças.

Ninguém se moveu.

– Quem se importa com vocês? – falou Alice. (A essa altura, já tinha crescido até atingir seu tamanho normal.) – Não passam de um baralho!

Nesse momento, todas as cartas voaram na direção da menina. Ela deu um grito – em parte, de medo, em parte, de raiva – e tentou afastá-las com tapas. Então, se viu deitada na colina, com a cabeça no colo da irmã, que delicadamente retirava algumas folhas secas que haviam caído das árvores sobre o rosto de Alice.

– Acorde, querida! – a irmã chamou. – Nossa, você dormiu muito tempo!

– Oh, tive um sonho tão interessante! – Alice contou para a irmã o que pôde lembrar a respeito das estranhas aventuras que você acaba de ler. Quando terminou, a irmã disse:

– Com certeza foi um sonho interessante, minha querida! Mas agora vá depressa tomar seu chá. Está ficando tarde.

Então, Alice levantou-se e saiu correndo e pensando, na medida do possível, em como tinha sido maravilhoso aquele sonho.

* * *

Logo que ela se foi, a irmã ficou sentada, imóvel, a cabeça apoiada nas mãos, observando o pôr do sol e pensando na pequena Alice e em todas as suas aventuras maravilhosas, até que ela também começou a cochilar e também teve um sonho.

Primeiro, sonhou com a própria Alice, e mais uma vez as pequenas mãos da menina estavam sobre seus joelhos e os olhos ávidos e brilhantes encontravam os seus... A irmã podia ouvir os vários tons de voz de Alice e ver o leve e característico balançar de cabeça para afastar o cabelo esvoaçante que insistia em pousar sobre seus olhos... E enquanto escutava, ou parecia escutar, tudo ao seu redor fez viverem as estranhas criaturas do sonho de sua irmã.

A relva comprida farfalhou sob seus pés quando o Coelho Branco passou apressado... O Rato assustado tentou atravessar a lagoa ali perto... Ela pôde ouvir o tilintar das xícaras do chá compartilhado infinitamente pela Lebre de Março e seus amigos, além da voz estridente da Rainha ordenando a execução de seus infelizes convidados... Mais uma vez, o bebê-porco espirrava no colo da Duquesa, enquanto travessas e pratos voavam e se estilhaçavam ao redor... Mais uma vez, o guincho do Grifo, o chiado do giz na lousa do Lagarto e a sufocação dos porquinhos-da-índia encheram o ar, misturados com os soluços da infeliz Tartaruga Falsa a distância.

Então, sentada ali, com os olhos fechados, a irmã de Alice quase acreditou que estava no País das Maravilhas, embora soubesse que bastaria abri-los novamente para cair na dura realidade: a grama estaria farfalhando apenas por causa do vento... A lagoa, agitada pelo balançar dos juncos... O tilintar das xícaras de chá se transformaria no repicar dos sinos das cabras, e os gritos estridentes da

Rainha, na voz do jovem pastor... O espirro do bebê, o guincho do Grifo, junto com todos os outros sons estranhos seriam somente (ela sabia bem disso) os ruídos característicos da natureza e dos trabalhos realizados no campo... E, da mesma forma, os pesados soluços da Tartaruga Falsa seriam apenas os mugidos do gado.

Por fim, ela se perguntou como sua irmãzinha seria quando, com o passar do tempo, tivesse se tornado uma mulher adulta; e como conservaria, durante todos os seus anos de maturidade, o mesmo coração simples e adorável da infância; e como reuniria à sua volta outras crianças pequenas e tornaria os olhos delas ávidos e brilhantes, através de uma história muito estranha, ou talvez até através de um sonho com o País das Maravilhas, acontecido muito tempo atrás. Pensou em como Alice iria compartilhar todas as tristezas simples dessas crianças e encontrar contentamento em todas as suas alegrias ingênuas, lembrando-se de sua própria infância e dos dias felizes de verão.

Fim

* Jogo muito popular na Grã-Bretanha, na segunda metade do século XIX e no início do século XX, em que são usados tacos de madeira em forma de martelo para impulsionar bolas, também de madeira, que devem passar sob uma série de arcos de metal fincados firmemente em um gramado. (N.T.)

*** “Onde está minha gata?” Em francês no original. (N.T.)

*** O furão é um mamífero carnívoro que os caçadores usam para pegar coelhos. Tem aproximadamente quarenta e cinco centímetros de comprimento, corpo esguio e patas curtas. (N.T.)

**** Caixa grande de madeira com tampa de vidro, que conserva o calor das radiações solares para o cultivo de pepinos. (N.T.)

***** Tipo de cachimbo, tradicionalmente usado pelos orientais, em que o fumo é aquecido em um bojo, e a fumaça que se forma passa por um filtro de água e depois por uma mangueira, antes de chegar à boca do fumante. (N.T.)

****** Cheshire é o condado (terras dadas pelo rei a um conde) onde Lewis Carroll nasceu, na Inglaterra. (N.T.)